Editora
METROPOLE

LAP

MAY 2 7 1963

ESTUDOS TEOLÓGICOS

N.º 3
Nova seqüência
III Trimestre
Ano 2, 1962

LIBRARY OF PRINCETON
APR 2 8 1900
THEOLOGICAL SEMINARY

ÓRGÃO
da Faculdade de Teologia
São Leopoldo - RGS.

Federação Sinodal
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

ESTUDOS TEOLÓGICOS

órgão trimestral editado pela Faculdade de Teologia da

Federação Sinodal

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Diretor responsável: D. Ernesto Th. Schlieper

Conselho de Redação: Dr. Joachim Fischer, Dr. Harding Meyer, D. Ernesto Schlieper, P. Heinrich Tappenbeck, Dr. Hans Eberhard van Waldaw e P. Lindalfa Weingaertner.

Redator: Dr. Hans Eberhard von Waldow, Faculdade de Teologia, Caixa Postal 14, São Leopalda, RGS., Brasil.

SUMÁRIO

Blaise Pascal † 1662 ..... pag. 91

Erich Fausel: O alemão falado no Rio Grande do Sul e suas transformações ..... pag. 92

P. Berthold Beck S.J.: Über die Vorbereitungen des 2. Vatikanischen Konzils sowie einiges zu seiner Theologie und Praxis ..... pag. 113

Eugen Baltzer: Gedanken über unsere Gottesdienstordnung ..... pag. 128

Aussprache :

Replik zu den Ausführungen von Eugen Baltzer (E. v. Waldow) ..... pag. 137

Ein Diskussionsbeitrag zur Frage der Ordination (Wolfgang Schanze) ..... pag. 138

Pedidos à Foculdode de Teologia, c.p. 14, S. Leapaldo, RS.

BLAISE PASCAL - † 1662

No dia 19 de agôsto, há 300 anos faleceu em Paris BLAISE PASCAL, uma das maiores figuras da humanidade, sobressaindo tanto na esfera da ciência como da Igreja, no campo da razão como da fé.

Nos séculos que se seguiram foi venerado fervorosamente ao tempo que apaixonadamente atacado. Mas a admiração nunca lhe foi negada. Seu adversário do século seguinte, Voltaire, que em seu escárnio a poucos poupou, escreve sôbre Pascal: «É o único que permaneceu, pois era um gênio. É só êle que fica de pé nas ruínas de seu século.»

Pascal pertence aos que fazem transbordar com obras de uma grandeza insuperável e duradoura a taça pouco profunda de uma vida, que mal tendo começado, logo foi tragada pela morte. Essa vida lamentàvelmente curta, que durou apenas 39 anos, é impossível contemplar sem que sua profunda tragicidade sempre de nôvo nos comova. Não só lhe foi negado o tempo integral da vida para a realização dessa gigantesca obra, mas, além disso, sua vida fragmentária foi duramente açoitada por doenças sucessivas. Pascal mesmo afirma que desde os 18 anos não conheceu um só dia sem dores torturantes. Para cada movimento quando de suas descobertas e experiências, para cada página de seus manuscritos, para cada conferência diante de seus irmãos na fé, tinha que superar literalmente um corpo fraco e flagelado pelas dores.

Mas nessa vida estigmatizada pela angústia e pela morte fulge a luz da grande alegria, quando numa noite memorável de novembro de 1654 lhe apareceu pessoalmente o Deus de Jesus Cristo, que doravante permaneceria ao seu lado em meio a tôda angústia. «Alegria, alegria, alegria, lágrimas de alegria» exclamou nessa noite. Ainda palpitante ante ao que sentira, descreve o acontecido num papel, que daí por diante trará sempre consigo. E acrescente a súplica fervorosa: «Oxalá nunca esteja separado dÊle.»

A partir dessa noite entrega, sem reservas, ao serviço de Deus tudo o que possue, seus bens e seu talento. Vende tôdas as suas propriedades, até a sua biblioteca da qual guarda apenas a Bíblia e as apreciadas obras de Agostinho. Ampara os pobres e doentes. Ainda na hora da morte implora a sua irmã que acolha um doente em sua casa. Deseja morrer na comunhão dos pobres.

Torna-se, sobretudo, a partir daquela memorável noite, o pregador e defensor do Evangelho, cujas palavras, ainda hoje ouvidas, não perderam sua eficácia.

Sua morte é amarga e dura, antecedida por quatro anos cheios de terríveis sofrimentos. Anos sôbre os quais segundo declara a sua irmã: foram mais um constante estar morrendo do que viver. A ignorância profissional dos médicos e a rigorista estreitez religiosa de seus parentes tornaram ainda mais dolorosa a sua agonia. Mas o Deus daquela noite de novembro não o abandona na hora de sua morte. Nela resplandecem suas últimas palavras: «Que Deus nunca me abandone».

Harding Meyer

O alemão falado no Rio Grande do Sul e suas transformações [1)]

por Erich Fausel

Quando pensamos nas relações entre os povos geralmente falamos de política, de comércio e de técnica. Mas, igualmente, deveríamos pensar nas grandes migrações dos povos e, antes de tudo, no contato lingüístico no qual se realiza e se evidencia o grau de aproximação mútua. Não há língua moderna viva e de importância cultural que não mostra em centenas de palavras, em formas e construções essa interdependência frutífera e forte. Não podemos falar nem uma frase inglesa sem usar palavras e ao mesmo tempo, expressões gramaticais de línguas germânicas ou do normano-francês. E como seria diferente o português se não tivesse sofrido tantas e tantas influências do árabe e, em quantidade muito menor, de certas línguas de tribus germânicas! Mas não existe sòmente esta transformação de línguas pelo contato migratório, causada por invasões ou por transplantações políticas de povos, conhecemos na mesma maneira, as relações quase cotidianas da vizinhança.

Como na filosofia, na psicologia e na teologia moderna a chamada situação fronteiriça — a «Grenzsituation» dos pensadores alemães — oferece a melhor possibilidade de observação, assim a vizinhança linguística representa uma das mais ricas e valiosas fontes de pesquisa. Homens não podem viver uns ao lado dos outros sem se influenciar contìnuamente. Neste caso o alemão, por causa da situação central da Alemanha na Europa, é um campo excelente de investigação. Se observamos a parte oriental e seu contato milenar com as várias línguas eslavas, se passamos para o norte e a zona do báltico com suas inúmeras ligações linguísticas com os povos escandinavos, se visitamos o oeste e as regiões limítrofes do francês ou se vamos para o sul e o sudeste com seus vizinhos italianos, húngaros ou croatas, em cada região o alemão mesmo irradiou para as línguas contíguas, mas estas, por sua vez deixaram seus vestígios no alemão falado nas províncias fronteiriças. Assim, por exemplo, o alemão falado no Luxemburgo, e na Alsácia esta misturado com certas palavras e locuções do francês, ainda que os limites entre as duas zonas de línguas diferentes quase não mudassem e mmuitos séculos. Não há nada de anormal nêste câmbio, é uma troca natural como aquela de mercadorias e de produtos das indústrias típicas daqueles povos, é uma espécie de intercâmbio

---

1) Conferência na Universidade do Rio Grande do Sul em Pôrto Alegre em junho de 1961.

cultural que se realiza de dia em dia, sem programas oficiais, sem autorização governamental e sem preconceitos quaisquer. A hostilidade da fronteira raras vêzes vem dos povos, é mais um resultado da política, vem dos governos, de grupos econômicamente antagônicos e de aspirações ideológicas. Quem conhece a realidade da vida nas fronteiras não pode negar que tem um fluxo e refluxo ininterrupto não só de homens e certas peculiaridades lingüísticas, mas, sim, de muitos costumes e hábitos. Só a fronteira ditatorial é que desconhece ou mesmo proibe a formação desta atmosfera de compreensão e vizinhança natural.

Espírito de compreensão e de boa vizinhança, eis a necessidade primordial, eis o leitmotiv de tôda pesquisa lingüística que se desprende de exigências absolutas, que quer servir a ciência e não menos a vida e que deseja contribuir, por seu lado, ao intercâmbio cultural e à aproximação dos povos.

Vivemos aquí no Brasil num país de grande imigração onde a vizinhança diária das etnias e línguas mais diferentes é quase natural. Temos, por isso, aqui um campo de investigação não menos importante e interessante do que no centro da Europa.

Será o nosso dever hoje o de observar e analisar um setor só do vasto problema, temos que falar do alemão que se fala entre os imigrantes e seus descendentes aquí no Rio Grande do Sul.

Quando, em 25 de julho de 1824, os primeiros 43 imigrantes chegaram em São Leopoldo, êles já formaram um grupo singular quanto à sua linhagem e situação familiar, à sua profissão e confissão: da lista dos imigrantes que ainda existe consta que contrariando os desejos do govêrno imperial de então mais ou menos 80% dos recém-chegados pertenciam a Igreja protestante; 16 eram casados, 27 solteiros. 7 foram registrados como trabalhadores na lavoura, entre os restantes se classificaram dois marceneiros, um ferreiro, um pedreiro e um papeleiro. Uma pequena sociedade primitiva sem qualquer organização ou coerência sociológica! Nem vieram de uma só zona ou região de seu país de origem, chegando do norte e do sul da Alemanha, de Hamburgo, de Holstein e da Baviera.

Esta primeira leva de imigrantes assim já demonstra claramente o que vai se repetir nos decênios seguintes: aquí não se trata de migração planejada ou organizada, de transplantação de grupos sociològicamente selecionados, diferenciando-se essa migração assim completamente dos movimentos migratórios da Idade Média. Com a manumissão dos camponêses e a estipulação de novos direitos pela Declaração de Independência dos Estados Unidos, pela Revolução Francesa e pelas novas constituições destruiram-se os últimos restos da organização social da Idade Média, tomando outro rumo os processos migratórios, as evoluções lingüísticas e culturais. Transcorreram em formas puramente individualistas grande parte das migrações do século 19, isolando o homem das velhas ligações sociológicas e, ao mesmo tempo, amalgamando-o em massas mais

e mais uniformes. O preço que se pagou pela liberdade adquirida foi, pelo menos no comêço, demasiadamente alto!

São esta desorganização completa, essa multiplicidade de procedimentos, essa irregularidade que impediram até hoje uma relação verdadeiramente científica de todo o complexo processo da imigração, pois nem o livro recente e sob todos os aspectos excelente de Jean Roche «La colonisation allemande et le Rio Grande do Sul» conseguiu dar a história da imigração, ainda que desse uma análise profunda e òtimamente documentada. E' êle também que, ao lado de poucos outros, quer abordar o problema da língua que se fala entre os alemães radicados aqui.

É esta língua, suas peculiaridades, suas qualidades específicas e suas transformações que queremos observar agora, bem cônscios das dificuldades que nos defrontam e convencidos que mais do que um bem intencionado ensaio de aproximação não podemos dar. Mas vale a pena! Vivemos numa época do pluralismo de línguas. Um homem de certa cultura não pode viver sem o conhecimento de uma ou outra língua além da sua própria. O que, então, deve ser mais interessante para os que vivem aqui do que conhecer algo de uma língua que se fala na casa do vizinho, muitas vêzes do amigo e colaborador. A estatística é escassa, mas, sem exagerar, podemos talvez dizer que no Rio Grande vive mais ou menos ½ milhão de Riograndenses que, de uma maneira e outra, comprendem ou falam uma ou outra forma de alemão.

Se já os primeiros imigrantes representaram vários dialetos e descendências diferentes, o mesmo se repete com a maior parte dos outros que vieram mais tarde. Desde o comêço, por isso, não existe nenhuma igualdade lingüística, nenhuma homogeneidade de expressão. Contribuiu isto, com tôda certeza, para as muitas transformações posteriores como, da mesma maneira, a diferença dos sistemas de colonização, de habitações e da posição social. Parece-nos não sem importância anotar o exemplo de São Leopoldo cuja evolução em três direções diferentes deixou seus vestígios também na língua dos três grupos em questão: os colonizadores e pioneiros continuaram desembrenhando a mata virgem e abrindo novas colônias, levando consigo a velha herança lingüística e cultural; o segundo grupo, de moldes diferentes, transformou-se nos futuros comerciantes e industrialistas da capital crescente e entrou em contato contínuo com a vida econômica e, no curso do tempo, também política e cultural do país inteiro; enquanto que os restantes, muitos artesãos e a classe média da pequena vila, ficaram e por muito tempo vacilaram entre as duas formas de vida. Fica inteiramente confirmada essa minha opinião pelo que diz o eminente sociólogo Emilio Willems, falando sôbre as três fontes principais das mudanças lingüísticas. Antecipando alguns pontos que vamos abordar mais tarde, já podemos citar o trecho correspondente de Willems na íntegra:

«1) O meio físico diferia profundamente do meio ambiente europeu e impunha, paralelamente a outras mudanças culturais, a acquisição de uma terminologia que preenchesse as lacunas existentes no equipamento lingüístico trazido dos países de língua germânica.

2) Raramente as comunidades teutas se compunham de imigrantes culturalmente homogêneos. Já vimos que, em geral, êles representaram culturas regionais e locais e, portanto, padrões lingüísticos muito diferentes. O contato entre dialetos e padrões provinciais originou processos de difusão intra-étnica bastante complicados. Pouco se sabe sôbre êsses caldeamentos, a não ser que os dialetos e padrões provinciais mais «poderosos» (no sentido numérico ou social) absorveram os demais, mas que o resultado final dêsses processos, o linguajar atualmente falado, se impregnou de um número maior ou menor de traços fonéticos e gramaticais dos padrões absorvidos.

3) Os imigrantes entraram a viver, desde o primeiro dia, em simbiose com grupos culturalmente diferentes. Em muitas partes estabeleceu-se uma divisão de trabalho inter-étnica condicionada a relações secundárias, intermitentes ou permanentes. Por menos freqüentes ou intensas que fôssem essas relações, nunca deixaram de funcionar como canais de infiltração lingüística. Geralmente a acquisição de novos elementos oriundos das culturas circunvizinhas era acompanhada da adoção dos têrmos correspondentes.»

Eis as fontes das mudanças! Mas qual é, antes de tudo, a herança lingüística que os imigrantes trouxeram?

Qual é **a língua falada pelos alemães** mesmos?

Será o «Buehnendeutsch», o alemão do palco, formulado e sancionado na obra de Siebs? Ou será simplesmente o alemão falado em certos empórios do Norte da Alemanha? Se, na época dos primeiros imigrantes o alemão oficial ou padronizado do tipo «Hochdeutsch», o alto alemão, só estava em formação, hoje podemos dizer que já existe uma certa unidade lingüística levemente acentuada pelas intonações ou pequenas peculiaridades de pronúncia regionais. Mas 150 anos atrás já existiu a língua clássica da literatura alemã.

Foi o **alemão escrito** que logo se manifestou na formação do alemão que estava sendo falado aqui. Mesmo se, entre os colonos dos primeiros tempos, houvesse alguns só meio alfabetizados, a maior parte dos ádvenas trouxe um modesto fundo cultural. «Verdade é», escreve o P. Balduino Rambo, «que o patrimônio escolar da grande maioria não passava dos conhecimentos fundamentais de ler, escrever e contar, e que o elemento intelectual, exceção feita dos «Brummer» e de casos isolados, pràticamente não existia na população rural. Entretanto, nenhum grupo de imigrantes no Brasil fêz tantos esforços e sacrifícios para transmitir aos filhos sua modesta herança cultural como os alemães; e se ainda hoje não há, nas comunidades habitadas por seus descendentes, criança que

não freqüente a escola a razão está na vontade cultural herdada dos antepassados.» (Enciclopédia Riograndense I p. 84).

O conhecimento do alemão escrito assim foi difundido pelas centenas de escolas da colônia as quais, como o P. Rambo atesta, «devem ser consideradas como simples expressão do ambiente histórico.» Mas já a primeira cartilha editada em 1828 pela tipografia Dubreuil de Pôrto Alegre «principalmente para a colônia de São Leopoldo» é uma prova convincente do ensaio de adaptação à nova pátria e ao novo ambiente. Naturalmente essa sociedade de colonos, pequenos negociantes e artesãos não era capaz de dirigir qualquer produção literária de alto valor, como por muito tempo não conseguiu um meio intelectual propício à criação de obras literárias. O colono, limitado a família e vizinhança, vai conservar a língua dos antepassados sem, entretanto, participar da evolução intelectual ou literária da velha pátria. Mas sejamos francos e claros neste ponto: a integração perfeita na nova pátria exigiu também uma expressão literária na língua tradicional do imigrante. Quem não compreende isto, nunca compreenderá o problema de imigração em tôda a sua complexidade. Um dos pontos mais visíveis da questão é justamente a evolução natural e regular de certa literatura, por mais simples que seja. Possuímos tôda uma coleção de livros escolares confeccionados, especialmente, para o uso nas escolas da colônia nas quais, aliás, o ensino do vernáculo se administrava também a custo dos colonos e sem as menores despesas para os cofres públicos!

Todo êsse alemão escrito se transformou em fôrça viva de alemão falado, conservando ou aumentando o vocabulário, introduzindo novas idéias ou expressões e oferecendo inúmeros tópicos de conversação e discussão. Foi de grande importância a publicação de jornais no país mesmo, ainda que grande parte da literatura fôsse fornecida aos colonos em forma de almanaques e revistas importadas. Os primeiros jornalzinhos — Der Kolonist e Der Deutsche Einwanderer — logo desapareceram e só após quase 40 anos os milhares de imigrantes conseguiram manter um jornal, prova suficiente das dificuldades dos primeiros decênios! Não podemos dar a lista de todos os jornais publicados nos 100 anos passados. Poderíamos festejar o centenário da «Deutsche Zeitung» nêste ano, se tivesse sobrevivido os tempos das duas guerras! Representaram êstes jornais além do serviço informativo geral uma expressão natural e sadia da vida colonial e, sobretudo, em inúmeros artigos, uma fonte sem par da verdadeira história da imigração e dos imigrados.

De influência muito mais duradoura e intensiva foram os anuários substituindo muitas vêzes o livro e, assim, adquirindo uma importância multilateral na formação da mentalidade colonial. Afirma, em obra editada em 1917 em Philadelphia, o autor norteamericano Benjamin Franklin Schappelle: «The want of reading matter has been filled by the most important medium, the almanac... We might call the almanac the colonists' encyclopedia... In addition

to being an indispensable source of information to the colonists, the Brazilian German almanacs are also most valuable to persons living outside of Brazil who want to form an idea of the life of those colonists.» Falando da evolução da língua alemã no Brasil e observando as transformações lingüísticas Schappelle acrescenta, aliás: «It is to be remembered, however, that High German is the norm in ordinary news articles in almanacs, newspapers etc. as well as for literary purposes in general. In such instances Brazilian German forms appear relatively rarely.»

A Bíblia e o anuário, ao lado do hinário religioso, são, de fato, os verdadeiros livros do colono de outrora. O anuário bem redigido, adaptado à vida peculiar da colônia, com artigos para tôdas as idades, ocupações e predileções, conseguiu criar uma tradição lingüística firme e ao mesmo tempo construir os alicerces morais e mentais das populações trabalhadoras e pacíficas do interior. E qual foi o maior sucesso dêste esfôrço contínuo em língua alemã: os imigrantes vindos de zonas longínquas se transformaram em cidadãos brasileiros ativos e valiosos. Refletiu-se nestes anuários diferentes também a formação tripartida da mentalidade colonial de outrora: o ativismo secular e o liberalismo filosófico de Koseritz foi contrariado pelo espírito protestante e cristão do Dr. Rotermund, até que, em época já um tanto pacificada, os católicos de língua alemã se juntaram ao concêrto dos almanaques.

Quando sabemos que alguns dêsses anuários tinham edições de 20 até 30.000 exemplares podemos mesmo dizer que, em todo caso até os limites de nosso tempo, o colono em sua relação ao alemão escrito não se distinguiu essencialmente do simples camponês das zonas agrárias da própria Alemanha. Naturalmente o conhecimento do alemão escrito e a prática do alemão falado não se correspondem diretamente como, aliás, em tôdas as regiões onde se falam dialetos.

Mas quase desde o comêço da colonização existiam certas zonas ou camadas de imigrantes onde, ainda que parcialmente falassem o chamado «Pommersch» ou «Westfaelisch Platt», muitos usavam um **alemão bem próximo do tipo padronizado, um verdadeiro alto alemão.** No estado vizinho de Santa Catarina, por exemplo, uma região se destacou tanto que entre outros Schappelle escreveu: «Dona Francisca was founded under favorable circumstances, at a time, when many Germans, including members of the «upper classes» were leaving the fatherland on account of the general political discontent during the latter part of the forties of the past century. This fact is reflected in the German language as spoken in Joinville to-day. It is perhaps more free from dialect than in any other German colony in Brazil.» Schappelle mesmo acreditou na influência moderadora do alemão padronizado, «a modified form of High German.»

Não podemos deixar de mencionar também êstes grupos de comerciantes, representantes, engenheiros e técnicos alemães ou de

descendência alemã, os quais, especialmente nos grandes centros de comércio e indústria, cultivaram um alemão mais elevado e bem diferente do linguajar da colônia.

Foi de suma importância para o cultivo do alemão padronizado no Rio Grande do Sul a vinda dos Brummers depois da revolução fracassada de 1848/9 e o fim desastroso do movimento libertador no Schleswig-Holstein. Êstes membros da legião estrangeira do Brasil logo depois, de refugiados e soldados demitidos se transformaram em propagandistas de idéias e exerceram sua influência sôbre os colonos no papel de professores, redatores, colonizadores e políticos. Mas nunca, como já Willems afirmou com todo jus, «a atuação intelectual dessa elite e das outras que mais tarde se constituiram, alcançou de modo apreciável as inúmeras comunidades distantes dos centros urbanos.» (p. 276) Nem podemos esquecer outros grupos ìntimamente ligados ao pensamento alemão e à língua educada e espiritual: os muitos padres Jesuitas vindos da Alemanha e, por causa da conservação da tradição religiosa, sempre sérios defensores da língua dos colonos. Vieram, na época de Bismarck, não poucos socialistas forçados à emigração da mesma maneira como, em tempos mais recentes, vários grupos de inimigos do Hitlerismo, judeus e antitotalitários aumentavam o número daquêles que usavam um alemão mais culto e que, as vêzes, criaram verdadeiras ilhas dum alemão padronizado no meio de dialetos e deformações.

Pois onde se fala o alemão fora dêstes grupos ou de certas famílias de cultura elevada quase sempre se nota uma **influência dos dialetos,** seja na intonação, nos ditongos e sua função, na escolha das palavras ou no uso bem variável do caso! Isto, entretanto, não é de admirar: Na Alemanha mesma registramos fato igual, diferenças típicas na pronúncia, na acentuação, na fonética das vogais e das consoantes. O alemão oriundo do Sul e o Hamburguês, por exemplo, mesmo se ambos estão falando no «Hochdeutsch» logo se deixam reconhecer por peculiaridades típicas de sua maneira de falar. Aqui, no Brasil, na zona de Blumenau, é fácil encontrar pessoas contìnuamente trocando «mir» e «mich», enquanto que os descendentes da zona do Hunsrueck têm pouca certeza no uso do artigo. Encontramos também certas formas obsoletas na Alemanha de hoje como «alsmal», «paar» em vez de «gelegentlich» e «ein paar», o uso estranho do mais que perfeito («ich war gewesen» em vez de «ich war») e variações na ordem das palavras («wie ich bin nach Hause gekommen»). Acha-se também uma pronúncia um tanto vagarosa e uma tendência de abrandar as consoantes finais. Mas muitas dessas transformações observadas com pessoas, falando um alemão padronizado e gramàticalmente assáz correto, com grande vocabulário e facilidade de expressão parecem mais explicar-se da influência do português do que de dialetos. A fonética portuguesa às vêzes vence na pronúncia de palavras estrangeiras ao alemão por serem mais conhecidas na forma portuguesa do que na expressão alemã. Mas, no total, a pronúncia do alemão oficial nem de longe passa por tantas transformações como o alemão falado nos

Estados Unidos onde mesmo alemães da primeira geração de imigrantes não poucas vêzes adotaram um sotaque completamente alheio ao alemão.

Muito sofreu a difusão do «Hochdeutsch» aqui pela proibição do ensino do alemão durante e depois da segunda guerra mundial. O alemão, entretanto, continua ser uma das grandes línguas da cultura humana. Quanto mais o Brasil progredir na sua evolução moderna entrando como potência autônoma no mundo político, econômico e intelectual, tanto mais deve utilizar-se de tôdas as fôrças à sua disposição, tôdas as imensas possibilidades de aumentar o inestimável valor do intercâmbio cultural. São portadores legítimos disso os inúmeros descendentes de imigrantes de muitas nações e línguas, hoje todos brasileiros convictos. Mas, tanto no setor econômico como no cultural, o Brasil inteiro poderia ter proveitos sempre crescentes de uma população falando, além do vernáculo, as respectivas línguas dos seus antepassados. É um fato isto e uma fôrça para criar uma atmosfera propícia e benéfica para o clima internacional.

Mas além do alemão oficial falado na Alemanha sempre viveu e viverá uma expressão lingüística diferente, dividida em vários **dialetos.** «Êstes» disse Willems «continuam sendo falados até hoje pelas populações rústicas, grande parte do proletariado e da pequena burguesia. Em parte nenhuma as diferenças entre dialetos vizinhos são profundas a ponto de torná-la mùtuamente ininteligíveis às populações que os falam. Mas camponeses do norte e do sul da Alemanha, por exemplo, não se entenderiam se, ao estabelecer contato, usassem apenas de seus dialetos respectivos.» O baixo alemão do Norte da Alemanha já não é mais dialeto, mas antes uma forma antiga do alemão, quase uma língua em si mesma. Essa divisão mais clara facilita o uso dos dois idiomas um ao lado do outro.

O mesmo não se pode dizer no Sul da Alemanha onde, entretanto, o uso quase geral do dialeto é uma das realidades mais significantes. Basta dizer que homens de fama mundial como Schiller, Hoelderlin, Hegel ou Schelling usaram seu dialeto suevo não só para a conversa familiar mas para discutir os mais difíceis problemas artísticos e filosóficos. O velho presidente Professor Heuss, como qualquer simples trabalhador ou camponês, ainda sabe conversar no dialeto sem qualquer constrangimento. E, eu posso afirmar da minha própria experiência que nós, na escola, no ginásio, como na universidade fizemos pleno uso do dialeto para exprimir ou defender nossas idéias culturais. Não acreditamos na inferioridade do dialeto, pelo contrário, vemos nêle uma ligação mais direta e mais profunda às origens, às raízes das respectivas línguas.

Não obstante temos que confessar que em muitos países do mundo os dialetos estão diminuindo. Dois anos atrás, na Universidade de Muenster, na Westfalia, nós participámos dum congresso de lingüistas de tôda a Europa e quase unanimemente todos os

presentes, fôssem da Polônia ou da Jugoslávia, da Alemanha ou da Bélgica afirmaram êste retrocesso dos dialetos causado pelos meios modernos de comunicação (rádio. cinema, televisão), pelas escolas unificadoras, pela maior difusão do livro, pelo costume de viajar e, naturalmente, pelas facilidades modernas do tráfego, finalmente pelas grandes migrações forçadas da guerra e de após-guerra.

Aquí no Brasil, a grande massa da população colonial, descendente de imigrantes alemães continua falando seus dialetos. A vida dêstes colonos muitas vêzes só se pode explicar ou compreender por quem sabe algo do dialeto, pois nem o «alto alemão» nem o português alcançam a situação especial dêstes homens. Foi uma das grandes surpresas para Schappelle: «The dialect under discussion as spoken in the «pikaden», is practically incomprehensible to the German speaking person travelling in Brazil for the first time. To the uninitiated it is even harder to understand than the German dialects of North America. The latter developed under the influence of a related language, while the former came into being because of linguistic influences entirely foreign.» (pág. 40/41).

Jean Roche, o culto francês, não fica menos pasmado em observar «le parler teuto-riograndense»: (p. 496) «C'est un phénomène très complexe que l'évolution de la langue parlée par les colons. Au début de la colonisation les immigrants ne pratiquaient pas le bon allemand (Hochdeutsch) mais les dialectes en usage dans leurs États ou Provinces et dont la conservation s'explique par leur isolement et leur groupement plus ou moins spontané suivant leurs régions d'origine, Poméranie, Westphalie, Hunsruck, Rhénanie. Certains ont pris le caractère de langue d'échanges, par exemple le rhénan. Malgré leurs insuffisances, des dialectes dominants ont eu une telle force assimilatrice que les immigrants d'ethnie différente qui par aventure s'installèrent dans une zone de peuplement essentiellement germanique adoptèrent la langue locale, c'est-à-dire un parler allemand.»

Willems, por seu lado, nos dá uma explicação do linguajar teuto-brasileiro (p. 276): «A condição fundamental para a constituição de comunidades lingüísticas no Brasil foi o isolamento espacial das principais áreas de colonização. Quanto ao meio da comunicação verbal não havia outro recurso senão a conservação do equipamento lingüístico trazido do país de origem. Na situação nova que se deparava aos imigrantes sòmente êste idioma podia desempenhar as funções que normalmente uma língua exerce com relação à configuração cultural.»

No Rio Grande do Sul o linguajar do colono está antes de tudo influenciado pelo **dialeto do Hunsrueck.** Esta zona montanhosa da Alemanha ocidental, limitada pelos rios Reno, Mosela e Nahe está, na geografia dos dialetos, caracterizada pelo encontro de dois tipos do dialeto francônio, o Rheinfraenkisch e o Moselfraenkisch, diferenciados pela quantidade das vogais. Nota-se a forma característica de dilatação das vogais relacionada ao comportamento re-

fletido e à lentidão dos camponêses; são outras peculiaridades do dialeto a falta dos sãos «ö» e «ü», a conservação do «p» em vez do «pf» (Dae Paerzfelder Parre hor e Pund Paelzer Tuwak, awer kae Peif), a substituição de «d» e «t» pelo «r» (Schneider — Schneire, Peter — Peere) e a omissão de «g» entre duas vogais (sagen — saan).

Chegava, de fato, a maior parte de imigrantes das regiões ocidentais da Alemanha dando assim uma preponderância natural aos dialetos francônios entre si ìntimamente ligados, o Mosel-, Pfalz- e Rheinfraenkisch. Certa mobilidade do francônio, seu vocabulário bastante rico, junto com uma tenacidade elástica e a faculdade bem hábil de criar novas palavras (Schuppenschwein — tatú, Dreckbauer — João de Barro, Schleppgras, Mulenzuckerrohr, Schweinsborstentee, etc.) e seu poder considerável de assimilação destacaram êsse «Moselfraenkisch» entre os outros dialetos sem que, por causa disso, pudesse ser chamado «o teutobrasileiro». Mas consta, que esta vitalidade reno-francônia —— a fôrça propulsora da migração interna de nossos dias — sobrepuja também os outros dialetos nas novas zonas de colonização no oeste ou norte do Paraná ou no Mato Grosso. Faltam, entretanto, pesquisas mais especializadas sôbre o vocabulário e a influência da tradição familiar, da profissão, confissão e procedência sôbre as flutuações de pronúncia entre aquêles que falam o «Hunsrueckisch».

Ainda que haja descendentes do Hunsrueck do tipo daquêle tão convencido de si que disse «Mir sein ka Deitsche, mir sein Hunsbuckler», infelizmente encontramos muitos desvalorizando seu dialeto em linguajar rústico e rude sem qualquer importância e expressão cultural. Não são raros êstes casos entre os filhos dos novos ricos e entre aquêles que querem avançar na vida seja no comércio, na vida pública ou intelectual e que assim se desligam do dialeto como dum fardo inútil sem que lhes venha a idéia de aproveitar-se do dialeto para aprofundar seus conhecimentos lingüísticos. Quem menospreza seu próprio dialeto, não poderá, pelo menos, ter muita confiança em suas faculdades de expressão em qualquer outra língua.

No verdadeiro mundo dos colonos ainda vive uma porção de anedotas, gracejos e contos que aparecem na prosa popular das bodegas, das vendas, no balcão e no baralho, com preferência, sem dúvida, na roda do querido chimarrão. Estas histórias às vêzes herdadas da geração dos imigrantes, às vêzes influenciadas pelos vizinhos lusobrasileiros, mas muitas vêzes de própria experiência ou invenção, quase nunca tomam uma forma documentada se não fôr, de vêz em quando, num conto folclórico de jornais ou anuários.

Mas realmente existe certa literatura no dialeto bem digna de ser equiparada a produções literárias do mesmo tipo dentro da Alemanha. O dialeto do colono, geralmente em forma vituperada e artificialmente deformada, não é sòmente uma fonte de alegria bem barata de certas folhinhas ou programas radiofônicos, mas é,

sim, a expressão lingüística de homens simples e, por seu trabalho, produtivos e necessários.

É nêste ambiente colonial onde o P. Balduino Rambo [1]) botânico de renome mundial e catedrático desta Universidade do Rio Grande do Sul, autor de obras pùramente científicas no vernáculo, jornalista em ambas as línguas, encontra a matéria prima de seus contos em dialeto. Assim o dialeto Hunsrueck do Rio Grande nêstes contos, em forma um pouco abrandada e, apesar do conteúdo muitas vêzes alegre, com tendências pedagógicas e moralizadoras, recebeu suas honras literárias.

São igualmente dignos de menção, os numerosos contos de Alfonso Brod, escritor tìpicamente riograndense e, anos atrás, editor do «Brummbaer-Kalender», almanaque escrito na maior parte no dialeto do Hunsrueck. Êstes contos divertidos, hàbilmente confeccionados e interessantes como p. ex. «Fixoel», «En scheen Wahlgeschicht'che», «De Schorsch off de Kerb im Schwaartedaal» e muitos outros, não raras vêzes baseados em acontecimentos reais, lhe valeriam um lugar destacado entre os autores de contos folclóricos, mas, lamentàvelmente, quase ninguém toma nota dêste talento tão raro e inimitável.

Enquanto que a maior parte dos teuto-riograndenses usa um dialeto mais ou menos influenciado ou derivado do Hunsrueckisch ou melhor Rhein-Moselfraenkisch, não devemos esquecer os outros grupos dialetais.

Ocupa o segundo lugar o grupo des **pomeranos,** radicados na sua maioria no sul do estado ao oeste da linha São Lourenço do Sul — Pelotas, os restantes em mais algumas zonas no interior, especialmente perto de Santa Cruz do Sul. Mas aquí se nota um fato bem interessante: Como já dissemos, nas zonas do chamado baixo-alemão, o Platt ou Niederdeutsch, na Alemanha há muitos que, apesar de falarem o dialeto em família, usam o alemão oficial na vida pública. Coisa semelhante acontece aqui. Podemos confirmar o que Willems (p. 279) conta que realmente entre os colonos descendentes dos pomeranos — e igualmente da Westfalia — sempre há certos falando em casa o seu dialeto, mas usando em outras ocasiões um dialeto renano que êles consideram idioma-padrão. Criaram-se, certamente, relações inter-dialetais muito interessantes, mas achamos um tanto arriscada a opinião de Willems (279) «que nisso tenha havido um reconhecimento tácito da «superioridade» cultural dos colonos descendentes de renanos».

Pertencem ao grupo do baixo-alemão, do Platt, os colonos de procedência da **Westfália,** hoje na maior parte na região de Teutônia no Alto Taquari. Mas, já falando do Platt, não devemos esquecer os **Menonitas** na região de Bagé. São êles um grupo de cunho nìtidamente religioso, um grupo de verdadeiros migrantes

---

1) O P. Balduino Rambo S. J., infelizmente, faleceu em 12 de setembro de 1961.

nêste mundo. Seu dialeto é o baixo-alemão da Frieslandia e da antiga baixada de Danzig na Prússia Oriental.

São êstes os grupos dialetais mais ou menos compactos que ainda encontramos aqui enquanto que todos os outros dialetos, ainda que sejam falados, sòmente existem em pequenos agrupamentos isolados como p. exemplo os poucos restos do suevo em Panambí, do bávaro perto de Erechim, do bohêmio na zona do Agudo e Sampaio, do alemão dos Wolhynios na região ocidental do Rio Grande perto do rio Uruguai. Todos os outros dialetos — e há muitos na Alemanha — só se falam dentro de pequenos grupos numèricamente insignificantes ou em famílias meio isoladas. Conservaram-se, todavia, durante cinco ou seis gerações o dialeto francônio em suas ramificações diferentes, tão bem como o «Platt» dos pomeranos e da Westfália. Sendo impossível tirar claras linhas divisórias entre os dialetos, não podemos dar números exatos sôbre sua difusão, mas, em tôda hipótese, o franco-renano e seus derivados alcançaram algumas centenas de milhares de praticantes.

Por enquanto ùnicamente falámos das várias expressões do «Hochdeutsch» e dos múltiplos dialetos usados aqui, nem sequer mencionamos as fortes influências do ambiente lingüístico e cultural do Brasil ou melhor do português falado aqui.

A lógica irredutível dos fatos históricos e sociológicos como as tendências irracionais de cada língua contribuiram para êste encontro lingüístico, resultando disso em graus sempre variáveis, o simples empréstimo de palavras, uma mescla lingüística multiforme ou finalmente, uma espécie de **língua mista** de elementos alemães e portuguêses. Em obra recente sôbre as transformações da língua alemã no Brasil um dos melhores conhecedores do problema, Carlos Oberacker Jr., já confirma «que a influência da língua portuguêsa sôbre a alemã... aqui no Brasil... não fica atráz da que tem sofrido aquela pela incorporação de têrmos indígenas e africanos, pois os neo-imigrantes alemães têm de vencer não poucos obstáculos para compreenderem os colonos radicados no país há várias gerações». Sem subestimar a aceitação de muitas palavras no processo de assimilação cultural, Oberacker tem outras normas de diferenciação, distinguindo dois grupos, sendo o primeiro de palavras inteiramente inevitáveis ou de adaptação que poderiam ter sido evitadas sòmente pela criação de neologismos. O 2º grupo abrange as palavras cuja aceitação era, em princípio, evitável. Distingue aqui dois subgrupos: primeiramente, de palavras de depauperamento, aceitas pela pobreza lingüística do imigrante pouco culto, e em segundo lugar de palavras de assimilação cultural pròpriamente dita, para cujo acolhimento não existia necessidade objetiva. Oberacker não desconhece o caráter relativo e elástico desta definição de evitabilidade ou inevitabilidade. Para o imigrante da Europa central, de outro clima, outro ambiente e outra forma de govêrno, sempre terá certa inevitabilidade de expressões complètamente estranhas à sua vida antiga. Mas a

aceitação dessas palavras pode variar em grau, pois «podem manter a sua pronúncia e acentuação originais ou tomar pronúncia alemã, como também desinência alemã, ou, ainda, ser complètamente germanizadas.»

Sem tentar um sistema de ordem dêste tipo, sempre um tanto subjetivo, poderíamos simplesmente subdividir tôdas as palavras encontradas conforme as respetivas profissões, afazeres e esferas da vida daquêles que as usam, poderíamos mesmo restringir-nos a uma divisão pùramente fonética ou folclorística. Seja como fôr, não podemos duvidar da realidade lingüística dêste linguajar bastante estranho à primeira vista, tão estranho que Schappelle disse: «They — os colonos — found themselves more or less thoroughly cut off from the outside world and its influences. It is not surprising, therefore, to find that these people have developed a new dialect which we may call «Brazilian German».» E logo quer também explicar a razão desta situação e evolução singular: «From the moment of their arrival on the parcel of land allotted to them they were in contact with many objects for which their mother tongue offered no designation. The animals, plants, insects, and even the agricultural implements in the new home land had to a large extent names for which the German language offered no equivalent. As a result many non-germanic words had to be immediately adopted.» Mas também Schappelle já se aproxima da questão de evitabilidade e inevitabilidade quando diz: (p. 42) «Had the immigrants and their descendents only adopted such words as had no equivalent in their mother-tongue, our case would be much simpler. They went, however, much further, and, as a result, even many of the commonest words dealing with the household or farm were replaced at an early date by Brazilian-Portuguese terms, or by formations based on them.» Nós não sabemos nada de exato sôbre a densidade e extensão dêste processo nos primeiros decênios, mas sabemos que já mais ou menos noventa anos atrás o fenômeno foi estranhado e observado num artigo do «Koseritz-Kalender». Willems, em 1946, com sua coleção de 693 palavras — incluindo ùnicamente 37 verbos, 6 adjetivos e 8 interjeções — não sòmente oferece a maior lista dêste vocabulário, mas faz uma tentativa de classificação de acôrdo com a sua associação cultural. São 107 as palavras adotadas de animais domésticos e de criação em geral com uma porcentagem de 17,54. 99 dêstes têrmos ligam-se ao cavalo e aos apetrechos de montaria «correspondendo à novidade e à importância relativa do complexo eqüino na cultura teuto-brasileira». Não é menos fácil a explicação das palavras relativas aos poderes públicos, à alimentação ou as diferentes plantas. Schappelle já achou muito interessante a adoção de têrmos portuguêses de parentesco: «The Portuguese forms are commonly used where the German forms would naturally be expected.» Willems, sempre guiado da idéia de aculturação, vê nisso o padrão brasileiro que serviu de modêlo às mudanças que se operaram na família teuta.

Oberacker, na obra citada, não acha oportuna esta classificação segundo porcentagens pelo simples fato de serem muitas palavras só conhecidas por certo grupo ou usadas simultâneamente com a palavra alemã; ademais o vocabulário está sujeito contìnuamente a alterações, o valor assimilativo dos diversos grupos de vocábulos é bem diferente e antes de tudo, a quantidade de palavras portuguêsas usadas não define o grau da assimilação, «o modo de falar, a construção das frases, os gestos etc. são muito mais significativos para o estado de aculturação de um indivíduo do que o número de palavras portuguêsas que por ventura empregue.»

Apesar de estarmos de acôrdo com esta afirmação, achamos ainda interessante saber algo sôbre o número dessas palavras portuguêsas misturadas em várias formas e deformações com o alemão dialetal e colonial. Compilando nosso vocabulário pensámos em encontrar algumas centenas de palavras conforme o dizer da pobreza e pouca variabilidade da língua do colono. Finalizamos com uma coleção de quase 3500 palavras diferentes, não incluindo ou contando muitas pertencendo ao linguajar profissional. Não há, pois, dúvida alguma sôbre a extensão dêste encontro lingüístico, e, em face da continuação viva dos dialetos ainda que enriquecidos por palavras novas, é preciso mudar a idéia usual sôbre o vocabulário fraco, minguante e exausto do colono.

Mas, em geral, êste colono mesmo não está cônscio de tôdas estas palavras emprestadas; e nem de longe compreendeu o hibridismo lingüístico aquêle que certa vêz disse, até orgulhosamente: «Mir spreche Hochdaitsch, mir tun das Daitsche un das Portuguiesisch net misturiere.» Outra prova dessa inconsciência poderiam ser algumas formas tautológicas mencionadas por Willems (p. 306) como p. ex. «cavalo - Pferd», «milje - Mais», «chapéu - Hut», se não devem ser explicadas como frutos do senso humorístico de muitos colonos.

Os **canais de infiltração lingüística** eram multiformes, a intensidade mudando de colônia para colônia, de profissão para profissão, de pessoa para pessoa. Foram de necessidade imediata as palavras próprias ao novo ambiente, seja que pertencessem a cultura ergológica como as de significações de animais, de alimentos, plantas e utensílios do trabalho às vêzes completamente novo, seja que fôssem coisas relacionadas com a vida administrativa, jurídica ou política ou, finalmente, com profissões praticadas além do isolamento colonial. Foi esta a maneira do colono e imigrante de adaptar-se ao novo ambiente e de fazer de bom gôsto do novo país sua nova pátria e aquela de seus filhos. Sem deixar de falar seu dialeto alemão, mesmo com a boa vontade de conservar e cultivar esta ótima herança de seus antepassados, o colono tanto se integrou na nova pátria que, por exemplo, nos nomes de batismo muitas vêzes escolheu um nome português ou pelo menos abrasileirado. Viu nisso Schappelle, o Americano, no meio da primeira grande guerra um sinal típico do patriotismo dos colonos: «The

Portuguese Christian name in the country in question distinguishes the individual as a Brazilian not as a German. The people under discussion regard themselves first of all as Brazilians.» Mas Schappelle acrescenta, que, não obstante, querem conservar e cultivar seus costumes e sua língua herdada em pról da nova pátria. Parece tal mentalidade talvez ambígua ou infrutífera, mas é típica do verdadeiro colono teuto-riograndense, é sincera e não conhece subterfúgios.

Não negamos a afirmação de Willems (p. 307) que a razão de muitos empréstimos lingüísticos reside no prestígio que se atribui ao vernáculo e às pessoas que o sabem falar. Willems fala mesmo da elevação do vernáculo à categoria de símbolo, de língua superior, de língua prestigiada e privilegiada. Concordando plenamente com isso, chegamos a outras conclusões: causa principal da aceitação das palavras portuguêsas e do hibridismo seguinte é o desejo firme da acomodação, enquanto que a grande estimação atribuida ao português estimula mais — como já se vê com o Coronel João Daniel Hillebrand, médico alemão e diretor da antiga colônia de São Leopoldo — a propagação do ensino do português e a vontade de expressão mais correta no vernáculo. Estas duas tendências podem convergir, mas muitas vêzes decorrem em movimento paralelo. É uma simplificação errôneo quando não admitimos isto.

Antes de mostrar alguns exemplos do vocabulário da língua mista do teuto-riograndense, queremos, para a melhor compreensão do problema, dirigir a atenção também aos **neologismos.** Já o Dr. Lacmann, em artigo publicado em 1905, mencionou p. ex. palavras como «Dachblatt», uma palmeira cujas fôlhas se usavam em lugar de têlhas, ou «Lichtrohr», um tipo de taquara para fabricar tochas. Devemos restringir-nos nêste momento e damos sòmente poucos exemplos significativos da fantasia lingüística do colono. Entre as muitas designações de animais encontramos p. ex.: Stinktier — gambá, Sandhase — preá, Aasvogel — urubú, Dreckbauer — João de barro, Silberschmied — araponga, Pfeffervogel — tucano, Schlepper, Saubermacher, Wanderer — tipos de formigas, Krickelmaus — grilo. No reino vegetal: Ameisenbaum — imbaúba, Wollbaum — painèira, Naegelsbaum — cinamomo, Zuckerschotenbaum — ingazeiro, Elefantengras — capim elefante, Bankrottgras — capim gafanhoto, Zwiebelgras — tiririca, Schuhschlappe — chuchu. Instrumentos ou métodos de trabalho: Buschsichel — foice, Futterhaken — espécie de cangalhas, Schneidmuehle — serraria, Ofen- ou Schuppentabak — tipos diferentes de fumo. Outros tipos dessas palavras são: Musterreiter — caixeiro viajante, Zuckersteinche — caramelo, Fixfeuer — fósforos, Panzweh — dôr de barriga, Koppauseinanner — insolação, Kochofen — fogão. Tôdas essas e muitas outras palavras são invenções dos próprios colonos.

Não menos ativa é a fantasia do colono na formação de **palavras híbridas** onde, com bastante habilidade e a coragem típica do

inconsciente se amalgamaram palavras portuguêsas e alemãs. «Nouns of mixed origin are quite frequent», disse Schappelle. Estas palavras, antes de tudo, tem seu timbre folclórico especial desvendando certas maneiras da vida do colono. Um alemão recém-chegado quase não compreenderá algumas destas palavras, mas sem muita dificuldade notará que essa hibridazão, ação produtiva do colono, seguiu as formas gramaticais do alemão, justapondo em ligação genuina a palavra portuguêsa explicativa e mesológica à idéia básica da palavra alemã. Fàcilmente encontramos muitas destas palavras em todos os setores da vida. São estas palavras não só de uso prático, mas igualmente, de certo cunho atmosférico e mesmo sentimental. Nós só escolhemos alguns exemplos para demonstrar a singularidade dessas expressões: Teebrung, Wasserbrung — porongo; Nussdoss, Schlappedoss — doce, Moschstuhl, Moschkuh — môcho; Kochmanjok, Eiermanjok, Manjokholz — mandioca; Fumfabrik, Fumbeutel, Rollfum — fumo; Hinkelkorral, Schweinskorral — coral; Backkamell, Fusskamell — gamela; Schickbaum — angico; Ameschebaum — ameixeira; Schabotikababaum — jaboticabeira.

Quem conhece a facilidade do alemão para formar palavras compostas seguindo uma regra quase matemàticamente exata e praticável, não se admirará que os colonos, na formação dessas novas composições híbridas, inconscientemente cumpriram a ordem gramatical da língua de seus antepassados.

Assim já podemos dizer que, em verdade, se trata de uma espécie de **assimilação dupla.** O colono de descendência alemã assimila tantas e tantas noções portuguêsas amalgamando-as com sua própria língua de origem, mas ao mesmo tempo — e geralmente sem perceber nem um nem outro lado dêste processo interessantíssimo — êle mesmo está sucessivamente assimilando-se ao português, transformando, junto com muitos costumes, gestos e maneiras de pensar, também sua língua. Só assim, apreciando a ativação recíproca das duas línguas, podemos realmente falar do linguajar teuto-brasileiro e compreender algo de sua originalidade.

Da grande **quantidade** das palavras aceitas só daremos alguns exemplos: Já nos primeiros anos expressões da vida pública como vila, câmara, praça, coletor, fiscal, multa, santa-casa, intendência e inúmeras outras, na maior parte em forma germanizada ou pelo menos com acentuação alemã, eram de uso geral. Introduziram-se com igual facilidade designações geográficas ou meteorológicas como campo, serra, cochilha, litoral e minuano. Na compra e venda todos logo falaram de braça, alqueire, légua, palmo, medida, sesmaria, quadra e lote e, pagando, contaram em vintém, patacão, mil réis e conto. Com o boi que comprou do gaúcho o colono adquiriu também os nomes do gado: alegre, andorinha, barroso, brasino, borboleta, crioulo, diamante, estrêla, malvado, mimoso, queimado e dúzias de outros. O colono plantando e colhendo mandioca, aipim, batata doce, milho e abóboras, mesmo falando de «Manjok, Aipi, Sissbatate, Milje e Bowre» não foi mais um camponês

alemão, mas sim um colono teutoriograndense de língua e hábitos próprios. Êste colono, há muito, estava acostumado de tomar seu mat-chimarrão de manhã, «seine Grine lutsche», êle gostava mesmo de vêz em quando do cafèzinho, mas preferiu uma pinga ou cachaça; sua casa estava situada ao longo duma linha ou picada, seu gado pastava no potreiro e êle mesmo ia, de tamancos, à roça para capinar. À sua direita bamboleava um facão e para muitos trabalhos usava um instrumento perfeitamente novo ao imigrante, a foice, que, no talento lingüístico dos colonos, se tinha transformado em «Fuchs», velha palavra alemã de sentido bem diferente.

Seria facílimo ler listas compridas de centenas de palavras aceitas, poderíamos falar de tôda a contribuição da sociedade agropecuária, do estado patriarcal e republicano, da vida social e desportiva — é só pensar no futeból — da atividade militar, comercial e técnica, mas achamos preferível dar ainda alguns exemplos do processo de mescla. Não é sem interêsse o que Schappelle no seu livrinho já escreveu: «Nouns form by far the greatest number of words taken over, followed next in order by verbs, exclamatory words and phrases, adjectives and adverbs. The last two appear relatively rarely.» Êsse fenômeno da falta completa de partículas, o uso muito escasso de advérbios e adjetivos — êstes geralmente de origem verbal — por outro lado a abundância de substantivos e a aceitação freqüente de verbos parecem provar que o desejo da acomodação material estava determinando o processo, e que pelo menos na sua opinião o colono continuava falando seu dialeto, só enriquecendo-o de novas expressões, mas a escolha era dêle.

A transformação das palavras adotadas reconhece-se melhor com os verbos e substantivos.

Na aceitação dos verbos os colonos simplesmente seguiram o exemplo do alemão oficial no seu costume de dar aos verbos de origem românica a terminação — ieren; assim a maior parte dos verbos portuguêses em — ar, mas também outros em — er ou — ir terminaram em — ieren. Encontra-se, ademais, a terminação mais germanizada de — en. Entre os verbos aceitos a quase totalidade denota certa atividade ou trabalho, registramos só um número limitado de verbos abstratos. Só posso dar alguns exemplos ilustrativos: abrassiere — abraçar; abusiere — abusar; afroschiere — afrouxar; apitiere — apitar; kaprischiere — caprichar; despaschiere — despachar; enkaminjiere — encaminhar; estoriere — estourar; furiere — furar; schulgiere — julgar; relaschiere — relaxar; selliere — selar; trawiere — travar; weraniere — veranear. Tem formas duplas também, p. ex.: em vez de «kaprischiere» aparece «kaprische».

Com as terminações de forma mais alemã existem p. ex.: kapiene — capinar; schege — chegar; schoge — jogar; mesche — mexer; trocke — trocar. Estas palavras já são mais uma espécie de loan words, Lehnwoerter, palavras emprestadas onde o colono nem sabe que são de origem portuguesa.

Formas de terminações portuguesas diferentes são muito mais raras, como estas do tipo de: defendiere — defender; torsiere — torcer; inwadiere — invadir.

Com esta mudança de terminações o colono conseguiu conjugar todos os verbos conforme as regras gramaticais alemãs.

Negligência e pronúncia incorreta contribuiram a mais outras transformações, modificando consoantes e palavras assim que finalmente saiu uma palavra de fonêmas alemães. Ouçamos algumas provas: papai — Babai; picaço — Bigass; poncho — Bunsch. O «p» português transforma-se em «b» alemão. O «t» muda para «d», «c» — «g», «g» — «k» em formas como tatu — Dattu; coque — Gock; gamela — Kamell.

Encontramos não poucas palavras com várias mudanças; o colono fiel- e inconcientemente participava também das mudanças de r — l ou l — r dizendo p. ex.: flosch em vez de frouxo; pleitiere em vez de empreitar ou Karse em vez de calça.

É muito freqüente a perda das últimas letras: amendoim — Mendowi; capim — Kapi.

Maior ainda é a transformação das vogais. Temos p. ex.: o — u: bomba — Bumb; porongo — Brunge; i — e: cochinilho — Koschenilje; a — ô: pintado — Pintôde. O ditongo português «ei» em terminações como — eiro ou — eira aparece na forma simplificada — ee: balseiro — Balseere; capoeira — Kapoweere; figueira — Figueere; solteiro — Solteere.

A transformação, de fato, vem muitas vêzes do fim da palavra enfraquecendo-se o som final ou desaparecendo a última vogal. Foi essa, também, uma das primeiras observações de Schappelle tratando dos substantivos: «In the case of masculines the vowel ending is as a rule dropped.» Seus exemplos são: abatimento — Abatiment; campo — Kamp; pasto — Past. Transformou essa omissão completa do som final a palavra muito mais do que o simples enfraquecimento como em bandeja — Bandesche; isca — Iske; saída — Saide.

Temos a impressão que fazendo isto o colono, mais uma vez inconcientemente, deu às palavras um aspeto mais alemão, uma estrutura mais consonantal.

Tinham os descendentes do Hunsrueck uma predileção por formas diminutivas. Porque não empregá-las também nas novas aquisições lingüísticas. Não é bonito, não é cordial e familiar dizer: Tikotikche, Mareckche, Guriche, Babadche ou mesmo Gafanjotefiljotche?

Coisa observada desde muito tempo é a mudança do artigo, possìvelmente causada por sinónimos ou homónimos do alemão: o trinco — die Trinke, em alemão die Klinke, o mapa — die Mappe, em alemão die Karte e igualmente die Mappe, significando pasta; o barranco — die Barranke, em alemão die Boeschung; o charuto — die Scharutt, em alemão die Zigarre. Mas também o feminino não escapa a transformação: a mula — der Mule, em alemão der Maulesel,

a tropa — der Tropp, em alemão der Trupp. O fósforo — das Fosfor — das Streichholz.

Cortaram-se muitos prefixos do português, dando a palavra um aspeto novo: abóbora — Bower; adaga — Dage; alambique — Lambick; angico — Schick.

Sem qualquer respeito pela etimologia, sem o menor conhecimento das regras gramaticais transformaram os colonos as palavras portuguêsas, simples sons nos seus ouvidos e não palavras escritas ou impressas de valor literário e cultural, e lhes deram a forma mais adequada à própria pronúncia, à desinência acostumada e à construção de suas frases simples e rústicas. Mudaram o acento, desfiguraram as palavras, mas sempre, enquanto que falaram seu dialeto, conseguiram apropriar-se das novas palavras sem mudar radicalmente a estrutura sintática das frases. Imprimiu-se raras vêzes só a sintaxe portuguesa ao estilo do colono, prova bem significante do que dissemos.

Todo êsse processo, ainda em andamento, como aliás, a vida de cada língua, se deve compreender como tentativa do colono de familiarizar-se com essa sua existência no Brasil. É uma assimilação que usa os canais mais diferentes, mas sempre, enquanto que o colono está ainda trabalhando como pioneiro e que ainda tem a viva lembrança de suas origens étnicas e lingüísticas, esta assimilação é um sinal de certa expressão própria, ainda que não formulada em téses e teorias; é uma prática de vida, é o desejo do colono de viver nesta sua pátria brasileira em convivência feliz e próspera com seus patrícios, mas sem perder a ligação direta com os costumes e a língua dos antepassados.

Êste seu linguajar tão estranhamente mesclado é a expressão correta da sua existência e de seu amor abnegado pelo Brasil e, igualmente, de seu respeito pela tradição de sua família e dos velhos imigrantes. Seria tão difícil apreciar isto?

«Car les Teuto-Riograndenses qui ont contribué à peupler et à mettre en valeur un grand État, à y constituer une autre société et une cité originale participent maintenant à la vie de la Nation qu'ils ont plébiscitée.» (Roche p. 587).

O que nós mostrámos ainda corresponde mais ou menos à situação na própria colônia. Apesar das transformações rápidas da vida moderna sobreviveu êste dialeto e, se homens sensatos não entendem mal sua fôrça expressiva, não precisa ser transformado em museu lingüístico. Pelo contrário!

Lembremo-nos do exemplo negativo dos Estados Unidos da América do Norte onde o ensino de línguas estrangeiras foi, por muito tempo, incrìvelmente negligenciado e onde hoje, em face dos problemas reais do mundo moderno, todos têm que fazer esforços enormes para recuperar o terreno perdido. Jovens Americanos, filhos e netos de imigrantes que fàcilmente e sem qualquer custo

poderiam ter aprendido a língua dos seus antepassados, têm que fazer estudos caríssimos agora para dar à América do Norte o lugar que lhe compete no intercâmbio cultural.

Vivemos numa época de pluralismo lingüístico!

Tomára que aquí no Brasil os responsáveis pelo ensino das línguas não caiam nos mesmos erros como os Americanos e saibam aproveitar-se dessa riqueza natural e barata que o conhecimento de cada nova língua realmente representa. [1]) E não esqueçamos — isto se dirige aos economistas e materialistas — que cada intercâmbio cultural hoje não é mais privilégio da classe favorecida mas de interêsse para o povo inteiro ,que cada intercâmbio cultural é o precursor, não só a consequência, do intercâmbio econômico!

Cultivando estas suas línguas ao lado do vernáculo, todos os imigrantes e seus descendentes podem aumentar a grandeza do Brasil. Línguas são pontes vivas entre homens e nações. Falando e traduzindo línguas, transmitimos a melhor compreensão entre os povos.

E não esqueçamos o que Johann Wolfgang Goethe disse a respeito das traduções, êste elemento imprecindível de todo intercâmbio cultural: «Dies ist das wichtigste und wuerdigste Geschaeft in dem Weltverkehr.» «É esta a tarefa mais importante e mais digna no intercâmbio mundial.»

---

1) A Lei de Diretrizes e Bases da Educação de dezembro de 1961, dando às escolas secundárias a livre escolha entre várias línguas estrangeiras, já abriu novas possibilidades lingüísticas.

BIBLIOGRAFIA

BOSSMANN, Reinhold: Zur deutschbrasilianischen Mischsprache. Deutsche Nachrichten, São Paulo 5, 6 e 12 de março de 1954.

FAUSEL, Erich: Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand. X, 230 págs.
Erich Schmidt Verlag Berlin, 1959.

FAUSEL, Erich: Sprachmischung und Deutsch in Brasilien. Zeitschrift fuer Deutsche Philologie. Vol. 78, cad. 1, págs. 83 - 91, 1959.

FRIEDRICHSEN, Ad.: Wie der Deutsche in Suedbrasilien spricht. Koseritz-Kalender Pôrto Alegre, 1878, págs. 74-80.

FURRER, Albert: Deutschbrasilianisches Brauchtum. Serra-Post-Kalender Ijui, 1939, pág. 89 e segs.

HANDWOERTERBUCH des Grenz- und Auslandsdeutschtums, 1937.
Artigo: Sprache und Mundart. Vol. 1, págs. 520-521.

KUDER, Manfred: Die deutschbrasilianische Literatur. Iberoamerikanisches Archiv X, 1937, nº 4, págs. 480-481.

LACMANN, Dr. W.: Die Sprache der Deutschen in Suedbrasilien. Zeitschrift des Allgemeinen Deutschen Sprachvereins, 1905, XX, nº 9, col. 273-276.

LOEW, Ulrich: Neues Sprachgut und neue Sprachunsitten bei den Deutchen Rio Grandes. Serra-Post-Kalender, Ijui, 1927, pág. 27 e segs.

OBERACKER, C. H.: Vocabulário de palavras portuguêsas que os descendentes de colonos alemães acolheram na língua vulgar.
Sociologia, São Paulo, Vol. 1º, nº 3 de 1939.

OBERACKER, C. H.: Transformações da língua alemã no Brasil. Revista de Antropologia, São Paulo, Vol. 5º, nº 1, junho de 1957, págs. 1 - 36.

OBERACKER, K. H.: Neuschoepfungen der deutschen Sprache in Brasilien. Staden-Jahrbuch, tomo 5º, págs. 175 e segs. S. Paulo, 1957.

PORZELT, Hanns: Der deutsche Bauer in Rio Grande do Sul. Ochsenfurt, 1937, pág. 98.

ROCHE, Jean: La colonisation allemande et le Rio Grande do Sul. Travaux et Mémoires de l'Institut de Hautes Études de l'Amérique Latine III, Paris 1959, págs. 496 e seg.

SCHADEN, Egon: Aculturação linguística numa comunidade rural. Jornal de Filologia, Vol. I, nº 1, São Paulo, 1953.

SCHAPPELLE, Benjamin Franklin: The German Element in Brazil. Colonies and Dialect. Americana Germânica, Nr. 26. Philadelphia, 1917.

WILLEMS, Emílio: Assimilação e Populações Marginais no Brasil. São Paulo, 1940, págs. 191 e segs.

WILLEMS, Emílio: Aculturação dos Alemães no Brasil. São Paulo, 1946, págs. 274 e segs.

Über die Vorbereitungen des 2. Vatikanischen Konzils sowie einiges zu seiner Theologie und Praxis [1]

von Pater Berthold Beck S. J.

Sehr verehrte Zuhoerer!

Es ist mir eine grosse Freude vor Ihnen ueber ein Thema sprechen zu duerfen, das wie kein anderes geeignet sein koennte, Bruecken zur Wiedervereinigung zu schlagen. Zwar wird die Wiedervereinigung der Christen vermutlich ueberhaupt nicht direkt und thematisch auf der Tagesordnung des Konzils stehen: Vielmehr wird es darum gehen, dass die Roemische Kirche in ihrer Lehre und Verkuendigung, in ihrem Gottesdienst und Kirchenrecht der gewandelten Welt angepasst wird, damit sie als innerlich erneuerte in das Gespraech mit den getrennten Gemeinschaften treten kann. Ist doch sowohl durch die Situation der Kirche in der Gegenwart wie durch den Kampf gegen sie, im umfassenden Sinne das Ganze ihres Lebens und ihrer Lehre in Frage gestellt. Dieses Programm hat Papst Johann XXIII. als das eigentliche Anliegen genannt, er nennt es «Aggiornamento».

Jeder weiss, dass in der Kirche Menschliches, und wie Papst Pius der XI es ausdrueckte, (in der Enzyklika «Mit Brennender Sorge»): «Allzu Menschliches» gibt, weshalb auch jedes Konzil von einem reformatorischen Geist beseelt ist. Immer wieder beginnen die Konzile seit dem 7. Jhdt., mit diesem Eingestaendnis menschlicher Gebrechlichkeit: «Adsumus, Domine Sancte Spiritus, adsumus peccati quidem immanitate detenti, sed in nomine tuo specialiter congregati».

Aber nun erst einmal zu den **entfernteren Vorbereitungen** des 2. Vatikanischen Konzils. Am 25. Januar 1959 erfolgte die erste Bekanntgabe des Planes eines oekumenischen Konzils. Mut und Entschlossenheit des neuen Papstes kam in diesem (von seinen 2 Vorgaengern wohl ueberlegten, aber nicht gewagten) Schritt zum Ausdruck. Am 17. Mai 1959 wurde dann Kardinalstaatssekretaer Tardini mit der Einrichtung der **«vorbereitenden Kommission»** beauftragt. Am 29. Juni des gleichen Jahres erschien dann die Enzyklika «Ad Petri cathedram» mit der offiziellen Ankuendigung des Konzils. Die Kommission fuer die entferntere Vorbereitung stellte nun Rundfragen an 2.700 Bischoefe, Weihbischoefe, Aebte,

---

1) Der Verfasser, Pater Berthold Beck S. J., ist Professor für Neues Testament am Colegio Christo Rei in São Leopoldo. Über dieses Thema hielt er einen Vortrag vor Dozenten und Studenten der Faculdade de Teologia in São Leopoldo.

Nuntien, hoechste Ordensobern, an theologische und kirchliche Fakultaeten: Die Gesamtheit der einlaufenden Antworten wurde sowohl nach sachlichen wie regionalen Gesichtspunkten zusammengestellt. Sie umfasst in 7 Baenden die Antworten: 3 Baende fuer Europa, davon 1 Band fuer Italien allein, zusammen 780 und 810 und 942 Seiten; 1 Band fuer Asien mit 662 Seiten; 1 Band fuer Afrika mit 580 Seiten; 1 Band fuer Nord- und Mittelamerika mit 694 Seiten und 1 Band fuer Suedamerika und Ozeanien mit 700 Seiten. Dazu erschien auch der 1. Band der «Acta et documenta Concilio Vaticano II apparando, Series I (Antepraeparatoria): Acta Summi Pontificis Joannis XXIII» (Roma 1960). Dieser Band enthaelt auf 168 Seiten die Hauptzeugnisse der Taetigkeit des Papstes zur Zeit der sog. entfernteren Vorbereitung. Beim Vergleich mit der entsprechenden Vorlage des I. Vatikanischen Konzils, wo den Konzilsvätern nur die in einem Band von 423 Seiten zusammengefassten Stellungnahmen von 224 Bischoefen vorlag, ergibt sich sofort der grosse Unterschied in der Vorbereitung beider Konzilien

Pflingsten 1960 begann dann der 2. Abschnitt der Vorbereitungen, und zwar der **naeheren Vorbereitungen** durch die Konstituierung von zunaechst 9 Kommissionen. Sie wurden durch ein Motuproprio «Superno Dei nutu» verkuendet und in der Pfingstansprache des Papstes näherhin kommentiert. Der Papst haette aus der Fuelle der Anregungen einige Themen von besonderer Wichtigkeit fuer das kirchliche Leben herausgreifen koennen, aber er wollte nicht bei einigen Einzelfragen stehen bleiben. Das exzeptionelle Eigenziel des II Vatik. Konzils, das nicht nach dem Typus bisheriger Konzilien mit aufgetauchten Fragen der dogmatischen Doktrin, mit disziplinaeren Einzelfragen oder speziellen Reformaufgaben sich befassen will, sondern eine Gesamtdarstellung der Kirche «in den reinen, einfachen und urspruenglichen Linien» ihres Wesens (Joh. XXIII) beabsichtigt, eine Enthuellung der Substanz des christlichen Lebens in der Auseinandersetzung mit den atheistischen Tendenzen des 20. Jhdt., verlangte nach einer bes. Methode. So erschien eine Aufgliederung der vorbereitenden Arbeiten nach der Gliederung der kirchlichen Gesamtverwaltung sinnvoller, was bedeutet, dass kein bedeutsamer Bereich des kirchlichen Lebens bei der Konzilsvorbereitung ausser Betracht bleibt, dass die allenthalben bekannten allgemein grossen Anliegen der Kirche der Gegenwart sicher beruecksichtigt werden.

Den 9 Roemischen Kongregationen entsprechen zunaechst die 9 vom Papst angekuendigten Kommissionen. Die Zusammensetzung ihrer Mitglieder laesst erkennen, dass daran gedacht ist, bei der Vorbereitung im einzelnen sowohl die Uebersicht der Mitarbeiter roemischer Kongregationen wie die Frontnaehe der Seelsorger und theologischen Experten auf allen Bereichen des kirchlichen Lebens sich gegenseitig ergaenzen zu lassen. Die naehere Arbeitsweise ist dabei den einzelnen Kommissionen ueberlassen. Die Weite der Thematik legt dabei die Bildung von Unterkom-

missionen nahe. Nun zu den einzelnen Kommissionen und ihren Aufgaben:

1: Die theologische Kommission; sie entspricht der Congregatio Sacri officii und ihre Taetigkeit wird sich auf die Lehre der Kirche (Bischoefe), anthropologische Irrtuemer und soziale Aspekte der heutigen Moral richten. Ihr Praesident ist Kard. Ottaviani, ihr Sekretaer P. Tromp S. J., ihre **Mitglieder** sind 11 Bischoefe, 11 Weltgeistliche und 9 Ordensgeistliche.

2: Entsprechend der Consistorilkongregation gibt es die **Kommission fuer Fragen der Bischoefe und bischoeflichen Amtstaetigkeit.** Ihr Aufgabenbereich ist ein dreifacher. Es sind die 3 Probleme: **Nach oben,** die Frage des Zentralismus bzw. des Dezentralismus; **nach der Seite,** die Umschreibung der Exemtion der Ordensleute im Hinblick auf die Einheit des Lebens in den Bistuemern; **nach unten** sind es die Fragen des Pfarrprinzips usw. Praesident dieser Kommission ist Kard. Mimmi, Sekretaer Erzbisch. Gawlina, Mitglieder sind 17 Bischoefe, 1 Praelat, 1 Weltgeistl. u. 1 Ordensgeistl.. **Konsultoren** 11 Bischoefe, 1 Praelat, 8 Ordensgeistl.

3: **Die Kommission fuer Kirchenzucht** im Klerus u. im kirchl. Volk: Sie entspricht der Konzilkongregation. Ihre Anliegen sind die Erneuerung des Diakonats, der relig. Unterweisung, Neuordnung des kirchl. Busswesens (Fastenordnung). Ihr Praesident Kard. Ciriaci, Sekretaer P. Berutti O. P., **Mitglieder** 10 Bischoefe (4 Erzbischoefe 6 Bischoefe), 12 Weltgeistliche u. 10 Ordensbrueder, **Konsultoren** sind 3 Erzbischoefe, 9 Bischoefe, 12 Weltgeistliche u. 10 Ordensgeistl.

4: **Die Kommission fuer Ordensleute** entsprechend der Religionskongregation, zur Ueberpruefung des Ausbildungsgangs der kommenden Seelsorger im Orden, gegen Abnahme der Berufe, zeitgerechte Formen des Apostolates, Verhaeltnis zu Säkularinstituten, Praesident ist Kard. Valeri, Sekretaer P. Rousseau O. P. I. (Canada), **Mitglieder** 24: 2 Erzbischoefe, 4 Bischoefe, 1 Priester vom Opus Dei (Saec. Institut), 17 Ordensleute. **Kosultoren** 27 (alles Ordensleute).

5: **Kommission fuer Studien und Seminarien,** entsprechend der Studienkongregation, ihre Aufgabe: Überprüfung des gesamten Ausbildungsganges der Theologiestudenten, ihr Praesident Kard. Pizzardo, Sekretaer P. Mayer O. S. B. (Deutscher), **Mitglieder** 36: 6 Erzbischoefe, 14 Bischoefe, 12 Weitgeistl. u. 8 Ordensgeistl. **Konsultoren** 32: 7 Erzbischoefe, 1 Bischof, 14 Weltgeistl. u. 9 Ordensgeistl. u. 1 Laie (Prof. Francisco Vito, Rect. Univ. Mailand).

6: **Kommission fuer die Verwaltung der Sakramente,** entsprechend der Sakramentenkongregation. Sie wird ueber Firmrecht, Bussrecht und Eherecht beraten. Ihr Praesident Kard. Masella, Sekretaer P. Bidagor S. J., **Mitglieder** 25: 4 Erzbischoefe, 2 Bischoefe, 11 Weltgeistl. u. 8 Ordensgeistl. **Konsultoren** 15: 5 Bischoefe, 2 Weltgeistl. u. 8 Ordensgeistl.

7: **Kommission fuer die Hl. Liturgie,** der Ritenkongregation entsprechend; sie wird sich mit der Reform der liturgischen Buecher befassen (Missale, Brevier, Rituale, Pontificale, Caeremoniale). Ihr Praesident ist Kard. Arcadio Larraona (Esp.) C.M.F. (Claretiener), Sekretaer P. Bugnini (Lazarist). **Mitglieder** sind 1 Erzbischof, 5 Bischoefe, 12 Weltgeistl. und 7 Ordensgeistl. **Konsultoren:** 1 Erzbischof, 4 Bischoefe, 16 Weltgeistl. und 17 Ordensgeistl.

8: **Kommission fuer die Ostkirchen,** entsprechend der Ostkongregation; sie wird bei der heutigen Voelkerverschiebung ueber das geordnete Nebeneinander der Riten handeln, sowie ueber die eventuelle Einheit der getrennten ostkirchl. Gruppen. Ihr Praesident ist Kard. Amleto Giovani, Sekretaer P. Welykyj (Brasilianer aus der Ukraine), **Mitglieder** 26: 8 Erzbischoefe, 7 Bischoefe, 1 Archimandrit, 2 Praelaten, 8 Ordensgeistl. **Konsultoren** 30: 2 Bischoefe, 9 Weltgeistl., 1 Chorbischof, 1 Auditor der Rota, 19 Ordensleute.

9: **Die Kommission fuer die Missionen,** entsprechend der Congregatio de Propaganda Fidei mit ihren eigengesetzlichen Problemen. Ihr Praesident ist Kard. Agagianian, Sekretaer Erzbischof Mathew (Engl.), **Mitglieder** 22: 4 Erzbischoefe, 14 Ordensleute und 4 Bischoefe. **Konsultoren** 32: 4 Erzbischoefe, 4 Bischoefe, 4 Weltgeistl. u. 20 Ordensleute.

10: Dazu kommt nun noch eine Kommission, der keine Kongregation entspricht. Es ist die **Kommission fuer das Laienapostolat.** Sie wurde aus der Kommission fuer Kirchenzucht herausgeloest. Alles, was sich auf religioese und soziale Aktion der Laien bezieht, wird von dieser Kommission behandelt werden. Ihr Praesident ist Kard. Cento, Sekretaer, Mgr. A. Glorieux, **Mitglieder:** 10 Bischoefe, 12 Praelaten, 5 Weltgeistl, und 6 Ordensleute. **Konsultoren:** 10 Bischoefe, 2 Praelaten, 2 Weltgeistl. und 5 Ordensleute.

Ausserdem existieren dann noch 4 Sekretariate:

1. **Das Sekretariat fuer die Einheit der Christen.** Hier steht der Kontakt mit dem Weltprotestantismus (250 Millionen) im Vordergrund. Praesident ist Kard. Bea S. J.. **Mitglieder** sind 6 Bischoefe (alles Europaeer), 2 Praelaten, 3 Ordensleute. **Konsultoren:** 2 Praelaten, 5 Weltgeistl. und 8 Ordensleute.
2. **Das Sekretariat fuer Massenpublikationsmittel,** die Massenmedien: Presse, Film, Funk, Fernsehen. Ihr Praesident ist natuerlich ein Amerikaner, Erzbischof o'Connor, Sekretaer Mgr. Deskur (Pol.), **Mitglieder:** 6 Bischoefe, 5 Praelaten, 5 Ordensleute. **Konsultoren:** 7 Bischoefe, 6 Praelaten, 2 Weltgeistl. und 5 Ordensleute.
3. **Ein Sekretariat fuer Fragen des Protokolls und der technischen Durchfuehrung.** Ihr Praesident ist Kard. Gustavo Testa, Sekretaer Erzbischof Felici. Sie haben die Petersbasilica fuer die Plenarsitzung vorzubereiten und haben Licht- und Tonprobleme und das Elektronensystem fuer Stimmabgabe klarzustellen.

4. Als eine weitere, gewiss nicht unwesentliche Einrichtung kommt hinzu, das **Sekretariat fuer administrative Fragen.** Ihr Praesident ist Kard. Alberto de Jorio, Sekretaer ist hier Mons. Guerri (Geld).

Ueber allem aber steht dann die **Zentralkommission,** deren Praesident Papst Johann XXIII ist, Sekretaer hier Mgr. Erzbischof Pericle Felici, **Mitglieder 102 im ganzen:** 60 Kardinaele in 2 Gruppen: a) 24 sind von der Kurie, b) 26 sind Residentialbischoefe bzw. Erzbischoefe (darunter die 13 Praesidenten der Kommissionen und Sekretariate), auch Kard. Wyszynski ist dabei, 5 Patriarchen, 27 Erzbischoefe, 6 Bischoefe, 4 Generalobere (OBS., OFM., SJ., OP.); **Konsultoren** 29: 11 Bischoefe, 9 Praelaten, 6 Ordensleute.

Damit meine ich, mich meiner Aufgabe, etwas über die Vorbereitungen zum II. Vatikanischen Konzil zu sagen, entledigt zu haben. Jetzt richten wir unser Augenmerk auf die Frage nach dem **Wesen und** der **Aufgabe des Konzils.** Dazu ist es nötig, auch auf einige verfassungsrechtliche Fragen einzugehen.

Wollen wir Wesen und Aufgabe eines katholischen Konzils verstehen, müssen wir aber zuvor die Frage nach dem Wesen der Kirche erörtern, wie es sich nach katholischem Glaubensverständnis darstellt. Von folgendem Doppelsatz wollen wir dabei ausgehen:

> Die Kirche ist verfasst und geleitet durch das Bischofskollegium mit dem Papst als seiner persönlichen Spitze, in dieser institutionellen, hierarchischen Verfasstheit der Kirche im Amt erschöpft sich jedoch ihr Wesen nicht, da zu ihm auch das eigentlich Charismatische, das Nichtinstitutionelle, das rechtlich nicht eindeutig Regelbare gehört.

Dieser Doppelsatz ist ein wenig zu erlaeutern. Die kath. Kirche versteht sich nicht als ein demokratischer oder charismatischer Zusammenschluss von unten her aus Menschen, in denen der Glaube an die Botschaft v. Jesus Christus Ereignis geworden ist und die sich nachtraeglich zu diesem individuellen Glaubensereignis zusammenschliessen u. darum die Strukturen dieses Zusammenschlusses nach eigenem Belieben bestimmen koennen. Sie ist vielmehr eine von Christus selbst durch die Bestellung des Apostelkollegiums unter Petrus als seinem Haupt von oben her autoritativ begruendete Gesellschaft, die mit dem von Gott her kommenden Anspruch auf Gehorsam, Glaube u. Einordnung zu den Menschen kommt und deren Grundzuege der Verfassung, des Rechtes u. der Gewaltenverteilung bei allem Wandel im einzelnen durch den Stiftungswillen Christi festliegen. Die v. Christus autorisierten Traeger der gehorsamsfordernden Predigt des Evangeliums und der rechten u. wirksamen Spendung der Sakramente u. der sichtbar verfassten Einheit des einen christl. Lebens, Traeger also der Lehr-, Priester- u. Hirtengewalt, sind somit die Bischoefe als Nachfolger der Apostel unter dem Papst als dem Nachfolger Petri, weil u.

insofern sie in einer legitimen u. rechtlichen Weise in einer eigentlichen apostolischen Sukzession (materialer u. formaler Art in ununterbrochener Reihenfolge) ihre Gewalten von dem Apostelkollegium u. seinem Haupte Petrus ableiten koennen.

Dabei ist zu beachten: Das Bischofkollegium darf nicht als nachtraegliche Summierung, als der sekundaere Zusammenschluss der einzelnen Bischoefe als einzelner Nachfolger einzelner Apostel betrachtet werden. Das Bischofskollegium u. seine Gewalt gegenueber der Gesamtkirche geht als eine kollegiale, aber wahre Einheit dem einzelnen Bischof u. seinen Rechten voraus. Das heisst, die kollegiale Einheit des Gesamtepiskopats unter dem einen Petrusnachfolger, dem Papst, ist die sachlich und rechtlich vorgeordnete Groesse gegenueber den territorial begrenzten Rechten des Einzelbischofs und seiner territorialen Funktion. Nur so wird erklaerlich, warum dem Gesamtepiskopat z. B. die absolute Lehrautoritaet u. Lehrunfehlbarkeit unter bestimmten Voraussetzungen zukommen kann, die sich als Summierung der Lehrautoritaet der einzelnen Bischoefe als solcher und fehlbarer nicht erklaeren liesse. So kommt es auch, dass dem Bischof nicht nur nachtraeglich zu seiner territorial begrenzten Einzelautoritaet und als Folge davon, sondern im voraus dazu, wenn auch immer als Glied der kollegialen Groesse des Gesamtepiskopats, Rechte u. Pflichten der Gesamtkirche gegenueber zukommen.

Es gibt nun nach kath. Lehre ein ordentliches Lehramt des Gesamtepiskopates immer und jederzeit auch ausserhalb des Konzils, mit und unter dem Papst. Der Gesamtepiskopat ist ein wahres Rechtssubjekt goettlichen Rechtes und goettlicher Stiftung, das seine Moeglichkeiten (Pflichten und Rechte) aus seinem Wesen und seiner Einheit im Papst heraus meist durch die personale Spitze und personale Repraesentanz dieser dauernden Einheit, d. h. durch den Roemischen Papst wahrnimmt. Diese Tatsache, richtig gesehen, hebt diese **handlungsfaehige Einheit** des Gesamtepiskopates, die er immer hat, nicht auf, sondern unterstreicht sie und laesst sie dauernd aktuell bleiben. Damit ist natuerlich nicht gesagt, dass sich diese Handlungsfaehgkeit nur im Handeln des Roemischen Bischofs vollziehe und in Erscheinung trete.

So, wenn auch nicht als Instanz im Unterschied vom und gegen den Papst, eignet dem Gesamtepiskopat die hoechste Gewalt in der Kirche, die niemand anderem als nur Gott verantwortlich ist. Als hoechstes Fuehrungsgremium hat sie nicht noch einmal eine Instanz neben oder ueber sich, die auf dem Wege einer rechtschaffenden Nachpruefung ueber die Legitimitaet formaler und materialer Art befinden koennte und selbst gegen den Missbrauch dieser Gewalt nur noch durch den verheissenen Beistand des Geistes und nicht mehr durch kirchenrechtlich greifbare Vorbehalte oder Appellationsinstanzen geschuetzt waere.

Man muss nun weiter sagen, dass der Roemische Papst als Person (freilich insofern er Papst ist) jene Rechte ausueben kann,

die dem Gesamtepiskopat mit dem Papst an der Spitze zukommen. Er ist also durch sich selbst handeln koennende und oberste Spitze dieses kollegialen Traegers der hoechsten Vollmachten in der Kirche und er bedarf dazu nicht einer bes. rechtlich kontrollierbaren Beauftragung von seiten des Bischofkollegiums, da ja dieses selbst nur handelnkoennendes Rechtssubject in und gegenueber der Kirche ist, insofern er zur Einheit im Papst verfasst ist. So sehr der Roemische Bischof somit auch in Person die hoechste Gewalt in der Kirche besitzt, so bedeutet dies dennoch nicht, dass der Gesamptepiskopat als solcher vom Papst abgeschafft werden koenne, nur das ausfuehrende Organ der paepstlichen Gewalt, und diese nur die Teilnahme an der paepstlichen Gewalt sei. Ja man wird sagen koenen, dass auch dort, wo der Papst als Person und aus der ihm in Person eignenden Fuelle der Gewalten handelt, er als Haupt des Gesamtepiskopates handelt. Damit ist aber auch nicht gesagt, dass der Papst einer rechtlich nachkontrollierbaren Beauftragung durch den Gesamtepiskopat als eines von ihm und seiner Gewalt unterscheidbaren Rechtstraegers beduerfe. Der Papst hoert ja nicht auf, wenn er «ex sese» handelt, Spitze des Kollegiums in diesem Handeln zu sein, wenn er auch jedem einzelnen Bischof als Einzelglied des Kollegiums gegenueber selbst nochmals eine bischoefliche Jurisdiction hat und wenn er auch die genauen Formen seines Handelns, durch die es das Handeln der Spitze des Gesamtepiskopates wird, selbst bestimmen kann und an keine rechtlich nachkontrollierbaren bestimmten Formen solchen Handelns als Haupt der Kirche und des Gesamtepiskopates gebunden ist.

Wir koennen also zusammenfassend sagen: Es gibt einen obersten und hoechsten Traeger der obersten und hoechsten Gewalt in der Kirche, die Einheit des Bischofskollegiums in und unter dem Papst, und dieser eine oberste Traeger hat entsprechend dem Wesen eines Kollegiums die Moeglichkeit, in verschiedener Weise handelnd aufzutreten, ohne dadurch die Einheit des handelnden Subjektes aufzuloesen: entweder in dem als Haupt des Kollegiums handelnden Papst oder in einer Weise, in der die Kollegialitaet des einen Kollegiums unmittelbarer und greifbarer zur Erscheinung kommt, d. h. in einem Handeln, das sich unmittelbar aus dem Handeln der einzelnen Bischoefe zusammensetzt. Aber auch darin wirkt sich immer noch die apriorisch einheitsstiftende Funktion des Papstes aus (insofern diese Bischoefe in sich und in ihren Handeln «Frieden und Einheit mit dem apostolischen Stuhl haben»), und es wird nicht nur eine nachtraegliche Summierung der einzelnen Handlungen der einzelnen Bischoefe hergestellt.

Bevor wir nun diese **verfassungsrechtlichen Ueberlegungen** auf das Konzil anwenden, ist aber noch der 2. Teil unseres Doppelsatzes zu bedenken, von dem wir ausgingen. Nur wenn auch er gewuerdigt ist, laesst sich aus dem eben Gesagten gefahrlos das Wesen eines Konzils verstehen und richtig positiv und negativ wuerdigen. Wir hoerten schon: Die institutionell hierarchische Verfasstheit in dem petrinisch zur Einheit verfassten Gesamtepiskopat erschoepft

das Wesen der Kirche als gottgeleiteter Leitung der Glaeubigen nicht, sondern zu diesem Wesen der Kirche gehoert auch im Unterschied zu diesem Institutionellen das **Charismatische.**

Man koennte zwar den Eindruck bekommen, als sei alle Leitung, aller Impuls Gottes und seines Heilshandelns auf die Kirche hin immer und ausschliesslich vermittelt durch diese hierarchischen Gewalten (ihre Traeger und deren Tun), aller Einfluss Gottes sei durch die Hierarchie vermittelt, und nur derjenige goettliche Einfluss, den Gott auf diese nimmt, sei unvermittelt und wesentlich immer unvermittelt.

Dies ist jedoch ein totalitaeres und statisches Verstaendnis der Kirche, das in vielen Koepfen der Obern und Untergebenen in der Kirche mitschwingen wird, das aber nicht der (kath.) Wahrheit entspricht. Es gibt das freie Charismatische in der Kirche, und dieses gehoert zur Kirche selbst. Nicht nur dehnt sich allerwichtigstes und heilsentscheidendes Gnadenhandeln Gottes am einzelnen Menschen in der Kirche und ausserhalb ihrer (weit ueber den Bereich der sakramentalen Gnadenvermittlung durch die Kirche in ihrer potestas ordinis) aus, sondern es waere eine einfache Haeresie und sonst nichts, wollte man der Ansicht huldigen, Gott wirke in Christus auf seine Kirche **nur** durch die Vermittlung der Hierarchie allein, so dass die Hierarchie allein eine (allseitige) Gottunmittelbarkeit habe. Gott hat in seiner Kirche nicht zugunsten der Hierarchie abgedankt. Gottes Geist weht in der Kirche nicht nur dadurch, dass er in den obersten Behoerden der Kirche zu wirken beginnt. Das Amt in der Kirche darf nie meinen, es komme nur auf es allein an, es sei im autonomen Alleinbesitz des Geistes in der Kirche, die nichtbeamteten Glieder der Kirche seien nur und allein die Exekutoren der Befehle und Impulse, die vom Amt und nur von ihm kommen. Die Kirche ist kein totalitaerer Staat auf religioesem Gebiet, die Kirche darf nicht meinen, es funktioniere alles dann am besten, wenn alles moeglichst institutionalisiert und von der obersten Spitze der Kirche gesteuert werde, wenn der Gehorsam die Tugend waere, die alles andere, also auch die eigene Initiative, eigenes Fragen nach dem Draengen des Geistes, eigene Verantwortung, kurz das eigenstaendige, unmittelbar von Gott kommende Charisma voellig ersetzen wuerde. Nein, es gibt in der Kirche das Nichtplanbare, das Nichtinstitutionelle, das Ueberraschende, und darum echte Geschichte in der Kirche, die nicht nur die Ausfuehrung eines immer schon gewussten Bauplanes des Hauses Gottes ist. Es gibt das Charismatische in der Kirche als Moment an der Kirche, und nur mit ihm ist sie das, was sie nach dem Willen Gottes und Christi sein soll und immer auch durch seinen Geist ist und sein wird.

Es ist natuerlich klar, dass nicht nur die Unterscheidung zwischen dem Amt mit seinem Charisma (das sehr wahr so genannt werden kann) und dem freien Charisma nicht ganz leicht ist, sondern dass auch ein Amtstraeger Traeger (nicht nur der existentiell voll aufgenommenen Fuelle seines Amstscharismas sein kann, son-

dern auch sehr wesentlicher und fuer das Heil der Kirche und die Erfuellung ihrer Aufgabe) bedeutsamer freier Charismen sein kann. Der Amtstraeger und der freie Charismatiker koennen gewissermassen in Personalunion vereinigt sein. Das war oft so, das ist hoechst ersehnenswert, wenn auch manchmal nicht ungefaehrlich. Aber trotz dieser oft gegebenen Personalunion ist eine solche nicht erzwingbar, nicht verwaltungsmaessig herstellbar (in groesserem Umfang und in einer kirchengeschichtlich bes. hervortretenden Weise). Dieses Bestreben waere ein verwegener und zum Scheitern verurteilter Versuch: Gott will gar nicht, dass der Amtstraeger auch der hoechste Geisttraeger sei, oder dass der hohe Charismatiker immer darum auch schon mit den hoechsten Aemtern in der Kirche betraut werde. Einheit und Diastase dieser beiden Groessen stehen wiederum weder beim Amt als solchem noch beim freien Charisma als solchem, sondern allein bei Gott und seiner Fuehrung der Kirche, die er letztlich auch nicht mit den Fuehrungstraegern in seiner Kirche teilt. Denn auch sie sind von Gott ungefragt und inappellabel gefuehrt und koennen den Weg ihrer Fuehrung auch nicht apriorisch und zugleich allseitig bestimmen. Ist dies aber so, dann darf der Christ weder erwarten noch verlangen, dass das Charismatische, das in der Kirche sein muss, adaequat vom Amt in der Kirche dargestellt werde. Es waere ungerecht gegen das Amt und verriete ein fundamentales Missverstaendnis des Wesens der Kirche. Die Kirche wird nur richtig gesehen, wenn sie als von Gott allein adaequat verwaltete Einheit von Amt und Charisma gesehen wird; von keiner der beiden Groessen darf restlos das verlangt werden, was der anderen Groesse zukommt und als Aufgabe gesehen wird.

Wenden wir das nun auf das **Konzil als Ausdruck der Struktur der Kirche an.** Zunaechst ist vom zuerst Gesagten aus das Wesen des Konzils verstaendlich. Das Konzil hat nach dem **Codex Juris Canonici** (Canon 228 § 1) die oberste Gewalt in der Kirche inne. Diese Erklaerung stellt eine Tatsache goettlichen Rechtes in der Kirche fest, sie ist nicht ein Verfassungsparagraph eines kirchlich-menschlichen Rechtes, ueber den die Kirche oder der Papst selbst verfuegen koennten. Nach dem bisher Gesagten ist das auch ohne weiteres einleuchtend. Es versammelt sich lediglich das oberste kollegiale Subjekt der hoechsten kirchlichen Gewalt, das immer schon bestand und diese Gewalt immer schon ausuebte. Es entsteht also nicht ein neues Subjekt von Gewalt, sondern ein altes Subjekt uebt seine alte und bleibende Gewalt nur auf eine andere Weise aus. Was auf dem Konzil erscheint, gibt es auch sonst und handelt auch sonst: der eine Gesamtepiskopat in Einheit mit und unter Fuehrung durch den Papst. Dieser Gesamtepiskopat mit seiner bleibenden Vollmacht kann konziliar handeln, muss es aber nicht, weil er auch anders sein und handeln kann. Handelt er konziliar, dann hat er auch als so Handelnder genau die Vollmachten und Rechte, die er auch sonst hat: die Unfehlbarkeit der Lehrgewalt und die oberste Hirtengewalt. Das ordentliche Lehramt handelt so in ausseror-

dentlicher Weise und kann in diesem Sinne ausserordentliches Lehramt genannt werden; das Subjekt ist in beiden Faellen dasselbe; es bekommt keine neuen Vollmachten.

Ganz natuerlich ist nun das von Christus eingesetzte Amt in der Kirche auch auf dem Konzil Repraesentant der Kirche ueberhaupt, also aller Glaeubigen, in der Weise, wie das Amt dies auch sonst ist: nicht als die von der Menge des Kirchenvolkes demokratisch Beauftragten, sondern als dessen mit Christi Auftrag und Vollmacht versehenen Hirten der Glaeubigen. Dadurch aber werden diese Hirten nicht weniger, sondern mehr die echten und wahren Repraesentanten des Kirchenvolkes.

Es besteht eine so innige, durch Gott selbst geschaffene objektive und in ihrer Auswirkung durch den Geist der Kirche garantierte Einheit zwischen Hirten und Kirchenvolk, dass die Hirten auf dem Konzil in jedem Fall in einem wahren Sinn auch die Repraesentanten der ganzen Kirche und aller ihrer Glieder sind. Es ist ja nicht so, dass die Kirche als das Volk der Erloesten und Christglaeubigen erst durch das Amt zu bestehen anfange, gleichsam als die bloss von dem amtlich Beauftragten angeworbene Anhaengerschaft eines Vereins, der von dem freien Werbeentschluss seiner Gruendungsmitglieder aus zusammengeschart wird. Dem Amt und den einzelnen Glaeubigen geht in gleicher Weise der absolute Entschluss Gottes zur Schaffung der Kirche voraus, geht die Erloesung und so die objektive Heiligung der Menschheit in Jesus Cristus und seiner Erloesertat voraus, geht die Menschheit als konsekriertes Gottesvolk voraus. Diese Heilstat Gottes, die der eigentliche und dem Vergesellschaftungswillen der Menschen und dem Bestehen des Amtes vorausgehende Grund ist, schafft sowohl Glaube (zumindest in den Amtstraegern einmal selbst) und Amt gleich urspruenglich und ordnet beide Groessen zu einer letzten untrennbaren Einheit zusammen. Das zeigt sich sowohl darin, dass Glaube auf das gemeinsame und geordnete Bekenntnis dieses Glaubens hingeordnet ist und vom Hoeren der legitimierten Botschaft im Munde der autorisierten Kuender des Evangeliums herkommt, als auch darin, dass dieses kirchliche Amt nur in einem sein kann (und waere es selbst der Papst), der mindestens einmal in der oeffentlich rechtlichen Dimension auch ein Bekenner des wahren Glaubens ist, und so Amt und Glaube nie restlos auseinanderfallen koennen (wenn auch aus begreiflichen Gruenden der Rechtsstabilitaet die Vollmacht des einzelnen Amtstraegers in der Kirche nicht von seiner inneren Glaeubigkeit abhaengig ist). Damit aber sind die Amststraeger notwendig selbst Glaubende, wenigstens in der gesellschaftlichen Dimension des aeusseren Bekenntnisses; sie gehoeren selbst, um Amtstraeger sein zu koennen, zu denjenigen, die Glaubende sein muessen, die hoeren und gehorchen; sie und das Kirchenvolk stehen nicht sich einfach gegenueber wie Obrigkeit und Untertan, wie Befehlsgeber und Befehlsempfaenger. Beide stehen vor Gott als die Glaubenden und Gehorchenden, als die auf dem einen Grund, Jesus Christus und seiner Erloesungstat Ste-

henden; sie sind miteinander schon Brueder und Schwestern und in seiner Gnade, bevor diese Einheit der Erloesung und des Glaubens nach dem Willen Christi in die einzelnen Funktionen des einen Leibes Christi aufgegliedert wird (und es darum auch die Amtscharismen der Lehre und der Leitung gibt, die nicht jedem im gleichen Masse zukommen. Darum aber sind die Leiter der Kirche, gerade weil sie ihr Amt von Christus innerhalb der einen schon bestehenden Kirche erhalten, zu der alle Christen als Glieder des einen Leibes Christi, und nicht bloss als Untertanen gehoeren, auch ohne eine demokratische Bevollmaechtigung von unten schon immer und zumal auf einem Konzil Repraesentanten der ganzen Kirche und aller ihrer Glieder. Diese Grundrepraesentanz kann nun besser und auch schlechter durchgefuehrt werden; denn nicht jede faktische Praxis der Kirche ist gleich ideal.

Es ist nun weiterhin von dem Konzil nicht zu verlangen, dass es gewissermassen das handelnde Subjekt und die Repraesentanz alles Charismatischen in der Kirche sei. Tausend und abertausend Forderungen und Erwartungen werden an das Koazil herangetragen. Es muesste ein Monsterkonzil von unabsehbarer Dauer werden, sollte es alles gruendlich beraten und beschliessen wollen. Sehr vieles davon ist mindestens im heutigen Augenblick der Geschichte der Kirche und ihrer Entwicklung Gegenstand rein charismatischen Strebens der vom Geist Gottes getragenen Bewegung von unten, des noch inoffiziellen Versuchens, der erst zu machenden Erfahrung, des sich erst noch als vom Geist Gottes kommend zu Bezeugenden, zu Bewaehrenden; aber nicht etwas, worueber die Kirche des Amtes und des Rechtes, also der Gesamtepiskopat auf einem Konzil, sinnvoll ueberhaupt oder schon jetzt befinden kann. Mit dieser Feststellung ist aber nicht ueber die Frage entschieden, ob durch das teilweise Versagen des Charismatischen in der Kirche oder durch ein teilweises «Ausloeschen» des Geistes in der Kirche durch das Amt, durch Misstrauen, zu grosse Aengstlichkeit, zu grosses Verhaftetsein in der Tradition in Leben und Lehre, durch schuldhafte «Fehlentwicklungen» die es geben kann, ein Zustand in der Kirche ist, der nicht einfach gutgeheissen werden kann (wer solches leugnete, der bestritte Sinn und Grund eines Konzils selbst). Ein Zustand also, der, solange er besteht, gewisse Moeglichkeiten konziliarer Selbstbesinnung und Entscheidung, die an sich moeglich waeren, fuer jetzt einfach nicht zulaesst. Es kann Fehlentwicklungen geben, die zu relativ festgefahrenen Verhaeltnissen fuehren, die apriorische Grenzen fuer die Moeglichkeiten des Konzils sind. Aber von all dem abgesehen, es ist auf jeden Fall so, dass ein Konzil die Repraesentanz des Amtes in der Kirche ist und darum das als Moeglichkeit und Aufgabe hat, was des Amtes und nicht was des freien Charisma in der Kirche ist.

Das heisst natuerlich nicht, dass das Amt nicht auf das Charismatische in der Kirche blicken muesse oder duerfe. So wie eine innere Zusammenordnung und ein gegenseitiges Abhaengigkeitsverhaeltnis zwischen der institutionellen und charismatischen

Struktur in der Kirche immer besteht, so hat das Konzil natuerlich auch das Charismatische in der Kirche gebuehrend zu beruecksichtigen, es vorauszusetzen, es zu foerdern, es aufzugreifen usw. **Aber es kann das Charismatische nicht ersetzen.** Und man kann es von ihm nicht verlangen, dass die eigentliche Initialzuendung fuer neue charismatische Impulse vom Amt ausgehen muesste oder auch nur koennte.

Von diesen grundsaetzlichen Ueberlegungen aus ist nun das Folgende zu verstehen. **Man wird von dem Konzil nicht erwarten koennen, dass er grundlegend neue Erkenntnisse verkuendigt.** Zwar muesste des Evangelium neu gepredigt werden, die alte, ewig gueltige Wahrheit der christl. Offenbarung neu durchdacht und aus der Mentalitaet des heutigen Menschen heraus formuliert werden, aber hier ist nun nuechtern zu sehen, dass man von einem Konzil in der gegenwärtigen Situation nicht viel in dieser Hinsicht erwarten kann. Das Amt, auch wenn es Lehramt ist, muss sich an das allgemein Gelehrte, das Erprobte und ueberall schon Eingaengige halten.

Ist die **Theologie** und die durchschnittliche Verkündigung auf den Kanzeln und in den Schulen so, wie sie ist, dann kann — zumal wenn ein Konzil nur kurz dauern soll und die Hauptarbeit von denselben Theologen geleistet werden muss, die auch jene Schultheologie vertreten — dann kann man eben nicht erwarten, dass es in den theologischen Dekreten des Konzils wesentlich anders sein wird als heutige Theologie in Schule, auf der Kanzel und in den theologischen Buechern eben ist. Das Lehramt kann das Charisma der Theologie nicht ersetzen. Ist dieses Charisma aber heute schwach, so wird sich das auch in den Lehrdekreten eines Konzils zeigen. Man kann vielleicht sogar einer berichteten Absicht des Papstes entsprechend hoffen, dass nicht zu viel definiert wird. Wenn ein Konzil gar nicht mit einem bestimmten, schon aktuell diskutierten Fragepunkt lehrhafter Art zusammentritt, dann liegt die Gefahr nahe, dass man nun gewissermassen sucht, wo man dem Konzil einen wuerdigen Gegenstand lehrhafter Art finden koennte, dass man also Lehrdefinitionen zur Beschlussfassung vorschlaegt, damit sich das Konzil auf diesem Felde als wichtig und gross ausweise. Eine solche Tendenz ist menschlich naheliegend. Ich vermute, dass nicht nur Luther, sondern auch kath. Christen schon gedacht haben, dass das 5. Laterankonzil (1512-1517) eigentlich wichtigere Probleme gehabt haette, die es aber ungeloest gelassen hat, als die Definition der natuerlichen Unsterblichkeit der menschlichen Seele, so wahr dieser Satz ist. Die damit verworfenen wenigen Neoaristoteliker waren nicht die Gefahr, die damals vor allem der Kirche drohte. Die Praelaten jenes Konzils haetten sie naeher bei sich suchen sollen. Die heute die eigentliche Substanz des Christentums bedrohenden Haeresien sind nicht jene im Grunde genommen doch harmlosen, wenn vielleicht auch wirklich irrigen und rein logisch gesehen sehr substanziellen Irrtuemer, die da und dort auch bei katholischen Theologen zu finden sein moegen. Vielmehr der

Positivismus, der latente und kryptogame Materialismus, die Unfaehigkeit das Nichtempirische als wirklich zu realisieren, das Gefuehl, dass das Geheimnis, Gott genannt, zu gross sei und nur durch «Abwesenheit» anwese, das tief im Grund des Geistes sitzende Gefuehl von der Relativitaet alles Menschlichen und so auch Religioesen angesichts des unueberwindlichen Pluralismus der heutigen Kultur und der unübersehbaren Vielfalt der religiösen Erscheinungen, das sind die wirklichen Haeresien. Diese sind aber noch gar nicht theoretisch und existentiell aufgearbeitet, so dass das kirchliche Lehramt die Wahrheit dagegen so formulieren koennte, dass sie in einer Weise in Geist und Herz des Menschen einstrahlte, wie es durch die bisherige uebliche Lehre noch nicht geschehen ist. Andere Fragen wie ueber den Monogenismus, das Los der ungetauft sterbenden Kinder, die Beurteilung der Psychoanalyse scheinen schon genuegender durch Pius XII in der Enzyhlika «Humani generis» behandelt zu sein.

In mehr kirchendisziplinaerer Hinsicht wird das Konzil zweifellos nicht unwichtige Entscheidungen treffen. Hier sind Fragen angemeldet, die unmittelbar in die Kompetenz des Amtes auch in seiner konziliaren Handlungsform gehoeren: Fragen des Verhaeltnisses zwischen religioesen Genossenschaften und den Bischoefen, einer gewissen Dezentralisation der Kirche in groessere territoriale Komplexe hinein, nicht einfach in die kleinen Einzeldioezesen, die in vieler Hinsicht heute keine handlungsfaehigen Gebilde in vielen kirchlichen Fragen mehr sind; einer Dezentralisation, die gar nicht in Widerspruch damit steht, dass die Kirche im Zeitalter der Welteinheit in vieler Hinsicht einer gesteigerten Einheit und Verantwortlichkeit jedes Teiles jeder Dioezese usw. fuer die Gesamtkirche gebieterisch bedarf; Fragen der groesseren Offenheit gegenueber den evangelischen und nichtunierten orientalischen Christen, einer Moeglichkeit, dass die sich mit der kath. Kirche verbindenden Gruppen die christl. Tradition ihrer Vergangenheit bewahren können, Fragen der mutigen Vereinfachung des kirchl. Strafrechtes und der Liturgie, der zeitgemaessen Erneuerung des Diakonats, der Anpassung der Nuechternheits-, Fasten- und Abstinenzgesetze an das heutige Leben (wenn man da ueberhaupt noch eine gesamtkirchl. Gesetzgebung fuer moeglich haelt); solche und aehnliche Fragen koennen vermutlich viel eher einer Loesung zugefuehrt werden, teils weil sie einfacher, teils weil sie keine besonderen schon gegebenen «charismatischen» Voraussetzungen haben, teils weil das Verstaendnis fuer eine bestimmte Loesung schon in der ganzen Kirche vorausgesetzt werden kann.

Man kann wohl auch vermuten, dass unter solchen dem Amt von vornherein zusteuernden und fuer es auch im Augenblick schon moeglichen Loesungen solche sein werden, die auf den ersten Blick sehr harmlos, selbstverstaendlich und nicht sehr weittragend erscheinen, in Wirklichkeit aber von Wirkungen auf die Zukunft, auf die Mentalitaet der Menschen in der Kirche sein koennen, wie sie noch gar nicht abschaetzbar sind und vielleicht sogar von den Ver-

fassern solcher kirchendisciplinaeren oder liturgischen oder studiendisciplinaeren oder pastoralen Bestimmungen gar nicht abgesehen wurden. Welche Folgen koennten z. B. auf die Dauer Bestimmungen haben, die den Wuenschen der unierten Orientalen gerecht werden, wenn sie spaeter als Musterfall fuer andere grosse kath. Teilkirchen eigenen kulturellen Gepraeges in Afrika, Asien usw. gelten koennen, die auf die Dauer nicht mehr unter die westlich-abendlaendische und lateinische Kirche subsumierbar sind. Doch auch hier gilt: Dekrete auch die besten und weisesten koennen den Geist nicht ersetzen. Auch ein wohlmeinendes Dekret ueber Lesung der Hl. Schrift und ihre Verwendung in der Liturgie erzeugt noch keine Liebe zur Schrift und keine Bibelbewegung, wie wir sie noch in der Kirche wuenschen muessen, weil wir sie noch nicht haben. Man wird aber auch hinsichtlich der Kirchendisciplin von einem Konzil nicht Wunder erwarten duerfen. Der Mensch von heute, der gelernt hat, auch ein ideales Gesetz von der Wirklichkeit zu unterscheiden, kann gerade dadurch gegenueber einer gesetzgebenden Versammlung ungerecht und bitter werden. Er erwartet von ihr gleich die ideale Wirklichkeit und verurteilt oder wertet das Gesetz ab, weil er zunaechst nicht immer von den Gesetzgebern ohne weiteres glaubt, dass sie die idealen Worte des Gesetzes so ganz ernst nehmen, wie sie klingen.

Vielleicht sind wir nun aber aus einer Theologie des Konzils im allgemeinen zu sehr in eine Praxis des kommenden Konzils geraten und haben vielleicht zu pessimistische und nuechterne Prognosen gewagt. Aber unsere Ueberlegung hatte ja nur das Ziel, von einer dogmatischen Ueberlegung des Wesens des Konzils im allgemeinen aus sich nuechtern zu sagen, was von einem Konzil erwartet werden kann und was zu erwarten von einem Konzil undogmatisch und gegen das Konzil ungerecht waere.

Wie viele Konzile hat es doch gegeben, die anscheinend ihrer Aufgabe nicht Herr geworden sind. Nach dem 1. allgemeinen Konzil in Nicaea (325) fingen die Wirren des Arianismus, die auf ihm ueberwunden werden sollten, erst an. Nach dem Konzil von Chalkedon (451) wucherte der Monophysitismus erst recht. Weder das 2. Lyoner (1274) noch das Florentiner (1438/9) Unionskonzil brachten ein wirliche Union zustande. Weder Konstanz (1414/18) noch Basel noch das 5. Laterankonzil (1512/17) brachten die notwendige Reform der Kirche an Haupt und Gliedern, die die zugestanden relative Notwendigkeit der Reformation Luthers haette vermeiden helfen. Kein Christ ist darum gehalten, von einem Konzil den Himmel auf Erden fuer die Kirche zu erhoffen. Die Kirche wird auch nach dem Konzil die Kirche der Suender, der Pilger und muehsam Suchenden sein, die Gottes Licht immer wieder durch den Schatten ihrer Kinder verdunkelt. Aber all dies ist kein Grund, ein Konzil zu unterlassen oder von einem Konzil nichts oder zu wenig zu erhoffen. Auch hier wird Gottes Kraft in unserer Schwachheit maechtig werden! Und vieles mag beschlossen

werden, was Gott erst noch auf seine Weise in Gnade und Segen fuer die Kirche und Menschheit wandelt. Es ist wunderbar, dass auch in der Kirche alles Gedeihen bei Gott steht und dies ohne unser Verdienst erhofft werden kann. Also in Geduld saeen und pfanzen. Der Mensch und die Kirche muessen das ihre tun.

Diesem Aufsatz liegen zugrunde Artikel von Pater Hirschman S. J., in "Lebendige Seelsorge" 6 (1961), von Pater Tromp S. J., in Gregorianum XLIII (1962) Vol. 2, und Pater Karl Rahner S. J., in Stimmen der Zeit 1962.

Gedanken über unsere Gottesdienstordnung

über eine neue Agende für den Bund der Synoden und über die Existenz bzw. Verwendungsmöglichkeit des Prontuário do culto evangélico - luterano des Nordkreises der evangelisch-lutherischen Kirche in Brasilien.

von Eugen Baltzer

Die von Luther's Reformation herkommende Kirche ist und bleibt eine Kirche des Wortes. Allerdings würden wir keine guten «Lutheraner» sein, wenn unsere Gottesdienste nur aus Schriftlesung und Predigt bestünden. Bekanntlich hat Luther selbst durch und mit der Schaffung der «Deutschen Messe» seine Gedanken über Gottesdienst und Gottesdienstordnung klar zum Ausdruck gebracht.

So ist es bestimmt fortschrittlich, wenn in unserer evangelischen Kirche lutherischen Bekenntnisses eine Agendenkommission bemüht ist, an einer allgemein verbindlichen Gottesdienstordnung für unsere Gesamtkirche zu arbeiten. Erfreulicherweise geht die Diskussion über unsere zukünftige Gottesdienstordnung bereits über den Kreis der Agendenkommission hinaus. Das zeigt der Beitrag von Herrn Professor Dr. Eberhard von Waldow in Nr. 2 der estudos teológicos (Seite 39 ff): Gedanken über unsere Gottesdienstordnung und über eine neue Agende für den Bund der Synoden.

Wenn wir nun über den Gedankenkomplex nachdenken wollen, müssen wir uns — da Arbeiten der Kommission nicht greifbar sind — zuerst mit dem Beitrag von v. W. beschäftigen. Weiter müssen wir gründlichst unseren Prontuário prüfen, wenn wir ihn in die allgemeine Diskussion bringen wollen. Und schliesslich werden wir versuchen müssen — von unserer Position aus — praktische Vorschläge zur Diskussion zu stellen.

I) Der Beitrag von Herrn Prof. Dr. Eberhard von Waldow.

Zunächst darf ich einen kleinen geschichtlichen Zusatz bringen (zu v. W.: II) Geschichtlicher Rückblick/Seite 41): v. W. schreibt: «Die im Bereich des heutigen Bundes der Synoden in der Regel zutreffende Gottesdienstform ist die, die für die Gliedkirchen der ehemaligen altpreussischen Union charakteristisch ist.» Ausserhalb dieser Regel steht der Nordkreis — wenn nicht die ganze lutherische Synode. Soweit die Gemeinden pommerschen Ursprungs sind (die anderen haben sich ziemlich angeglichen), ist festzustellen, dass die Gemeindeglieder mehr an ihrem Gesangbuch hängen, als

an ihrer Liturgie. Daher hatten die Pfarrer im freien Liturgisieren wenig Widerstand. So kam es, dass jeder Pfarrer mehr oder weniger die gewohnte Liturgie seiner Heimatkirche praktizierte Da der Grossteil der Pfarrer der bayrischen Landeskirche entstammte, setzte sich auch bald die bayrische Liturgie am meisten durch (Max — Joseph — Agende). Der 2. Weltkrieg und vor allem das Sprachengesetz schufen im Nordkreis ähnliche Verhältnisse, wie man sie jetzt im Süden spürt. So beauftragte man damals 2 Pfarrer (die Herren PP. S. Wanke und G. Grottke), die dann Ostern 1955 den Prontuário do culto herausbrachten. Dieses Liturgiebuch ist heute allgemein verbreitet und hat — bis auf geringfügige örtliche Abweichungen — Einheitlichkeit in der Durchführung unserer Gottesdienste geschaffen.

In der sachlichen Auseinanderstzung v. W's mit der EKU-Agende muss auf einige Punkte hingewiesen werden, bei denen die EKU - Agende nicht im Sinne des Werkes interpretiert wurde:

1) Das Wort «Gebetsteil» wird in der EKU - Agende (ebenso, wie in der VELKD - Agende) in diesem Zusammenhange nicht verwendet (III, 1 Überschrift). Die neuen Agenden geben für die in Frage kommenden Teile des Gottesdienstes keinen Sammelnamen. Als neuer terminus technicus wird sich dieses Wort kaum durchsetzen, weil man sonst im gewöhnlichen Hauptgottesdienst von mindestens drei Gebetsteilen zu sprechen hätte.
2) Die liturgische Ein- und Zuordnung der Stücke ist üblicherweise (auch bei der EKU - Agende) so:
   Introitus mit Gloria patri
   Kyrie eleison
   Gloria in excelsis
   dann folgt eine neue Dreiergruppe:
   Salutation
   Kollekte
   Lesung(en)
3) Der Introitus ist weder der Rüstteil, noch gehört er zum Rüstteil. Unter 2 war bereits von der Einordnung des Introitus die Rede.
4) v. W. schreibt: «Dieses Stück (gloria patri) war — wie wohl auch die Schlussdoxologie zum Vaterunser — ursprünglich ein alter Gemeindegesang.» Dagegen lautet eine alte liturgische Regel, dass jede Antwort (und die Doxologien gelten in diesem Fall als Antwort) in der Weise zu geben ist, wie das Vorderstück ausgeführt wurde. Das heisst: auf einen gesungenen Psalm oder Vaterunser folgt eine gesungene Doxologie und auf einen gesprochenen Psalm oder Vaterunser folgt eine gesprochene Doxologie. Unsere teilweise falschen Praktiken sind rationalistischer Einschlag und Verflachung.
5) Es war einmal bitter notwendig, ein Wort von den «Gesangseinlagen» zu sprechen. Dagegen scheint die tatsäch-

liche Rolle des Chores in der EKU-Agende anders zu sein (in der EKU-Agende hier kein Unterschied zur VELKD-Agende). In den Vorbemerkungen zur EKU-Agende (auf Seite 10) steht: «Der Eingangsspalm kann in folgender Weise ausgeführt werden: a) ..., b) ..., c) er wird vom Chor gesungen.» (Vorbemerkung 3) Weiter: «Das Kyrie eleison wird a) entweder nach der Strassburger Melodie im Wechsel zwischen Chor (Kantor) und Gemeinde ausgeführt...» (Vorbemerkung 4). Und schliesslich: «Wenn das Kyrie nach der Strassburger Melodie ausgeführt worden ist, folgt auch das Ehre sei Gott in der Höhe (Gloria) in der Strassburger Melodie, und zwar so, dass entweder der Chor (Kantor, Liturg) die Weise anstimmt und die Gemeinde mit: und auf Erden Fried fortfährt...» (Vorbemerkung 5,1). Es gibt also ein respondieren von Chor und Gemeinde oder von Kantor (Liturg) und Gemeinde, agendarisch aber meines Wissens nirgends ein Respondieren von Liturg und Chor. Wo das in der Praxis stattfindet, ist das betreffende Stück noch nicht ordentlich vorbereitet.

Missverständlich ist noch das Wort «Regieanweisung» auf Seite 51 (Zeile 5). Die angeführten Beispiele gehören selbstverständlich nicht in den Gottesdienst. Dagegen ist es missverständlich, da in der EKU-Agende die nötigen Aufforderungen nicht konsequent abgedruckt sind (sie sind auch da nicht nötig, wo sie sich von selbst ergeben).

Etwa die Aufforderung zum Glaubensbekenntnis, Sündenbekenntnis oder zu Gebeten ist nicht mit «Regienweisung» abzutun. Ist das doch die Pflicht eines jeden rechten Hirten, die ihm anbefohlene Gemeinde zum Bekenntnis des Glaubens oder der Sünden oder auch zum Gebet aufzufordern. Die Ankündigung der Lieder ist dagegen Regieanweisung und sollte — wo es praktisch durchführbar ist — unterbleiben.

Das Anliegen des Beitrages von Herrn Prof. v. Waldow — das darf das oben ausgeführte nicht verwischen — ist unbedingt richtig und darf in keiner Weise auf die Seite oder auch nur auf die lange Bank geschoben werden. Es ist ein unbedingter Schritt auf dem Wege zur Kirchwerdung, dass wir uns um eine einheitliche Liturgie in deutscher und portugiesischer Sprache bemühen und auseinandersetzen. An solchen Arbeiten kann unsere Kirche und wir persönlich nur wachsen.

II) Der «Prontuário do culto evangélico-luterano» (Handreichung für den Gottesdienst) des Nordkreises der evangelisch-lutherischen Kirche in Brasilien.

Wenn nun in der Diskussion um eine einheitliche Gottesdienstordnung unserer Gesamtkirche auf den Prontuário aufmerksam

gemacht werden soll, dann sind es vor anderen Dingen zwei Punkte, warum dies geschieht:

1) Bereits nach 7 Jahren ist dieses Buch in den Gemeinden eine liebe Gewohnheit geworden. Die Einheitlichkeit der Gottesdienste wird von den Reiselustigen der Gemeinden sehr begrüsst. Auf die Gemeinden, die den Prontuário erst später einführten, sah man (nicht die Pastoren) herunter.
2) Der Druck — auf der einen Seite portugiesisch und auf der anderen deutsch — dürfte vorbildlich für jede Agende sein, die zur Zeit in unserer Kirche praktische Anwendung finden soll.

Auch inhaltlich ergeben sich viele Punkte (etwa mit dem portugiesischen Text), in denen der Prontuário richtungweisend sein kann.

Dagegen gilt es jetzt, seine Mängel und Unklarheiten scharf anfzuzeigen:

1) Der Rüstteil ersetzt — und das ist richtig erkannt — bei Gottesdiensten mit hl. Abendmahl den Beichtgottesdienst. Nun ist aber die Aufforderung zum Sündenbekenntnis empfindungsmässig (nicht theologisch) zu genau; es müsste praktisch zuvor ein Busspsalm gelesen werden. Da aber in den meisten Fällen eine Beichte oder Abendmahlsvermahnung gelesen wird, wäre eine andere Aufforderung platzierter; etwa wie in der EKU - Agende (Seite 143): «Lasset uns vor dem Angesichte Gottes uns demütigen, unsere Sünde bekennen und ein jeder von Grund seines Herzens also (mit mir) sprechen».
2) Es sind 3 Sündenbekenntnisse angegeben. Das dritte ist den Konfirmanden vor ihrem ersten Abendmahlsgang zur häuslichen Vorbereitung gut zu empfehlen, wieweit es aber im Gottesdienst Verwendung findet, ist fraglich.
3) Das Eingangslied (Nr. 6) ist eine liturgische Dublette zum Introitus; es müsste fakultativ sein.
4) Beim Introitus zeigt sich — zusammen mit dem Gebrauch der Salutationen — die schwächste Stelle des Prontuário. Hier sei aber gleich bemerkt, dass diese beiden Stücke auch die schwierigsten der neuen Agende sein werden (wenn man sie nicht totschweigt bezw. sie sachlich unwissend übergeht). Der Prontuário bringt 2 Formen des Introitus: a) die alte bayrische Form (leider sind von den 45 abgedruckten Introiten nur 22 vierteilig; sonst könnte man die Texte lassen und nur die Durchführung den liturgischen Erkenntnissen anpassen.) und b) die unierte Form (allerdings nur andeutungsweise).
5) Auf Seite 9 + 10 sind Sündenbekenntnis und Absolution nach der alten bayrischen Form — mit Trauerrand versehen, sie sollten also auch wirklich begraben sein.

6) Es ist nicht einzusehen, warum plötzlich beim Gloria in excelsis (Seite 11) die erste Phrase von P (also ausschliesslich vom Liturgen) übernommen werden soll, da doch sowohl beim Introitus, als auch beim Kyrie ganz richtig die erste Phrase an A (**Chor** oder Liturg) übergeben ist. Obwohl sich auch die VELKD - Agende darin einmal widerspricht, ist doch — auch auf Grund der «Anweisungen» — die einheitliche Durchführung von Introitus, Kyrie und Gloria in excelsis erforderlich. Übernimmt der Chor (nach VELKD- und EKU - Agende auch aushilfsweise der Kantor) diese drei Stellen, wird der liturgische Platz der Salutation erkennbar.

7) Nach der Epistel ist kein Halleluja — Vers vorgesehen.

8) Über die Ungenauigkeit im Credo ist schon oft gesprochen worden: a) es heisst entweder: «Ich glaube an Jesus Christus, Gottes eingebornen Sohn» oder «Und an Jesus Christus, seinen eingebornen Sohn». Der Prontuário verbindet beide Möglichkeiten, was liturgisch — sprachlich nicht geht. b) das Dativ -e- bei «vom heiligen Geiste» ist unnötig. c) durch die Kommaversetzung «gelitten, unter Pontius Pilatus gekreuziget» kommt eine kleine Sinnänderung herein, die aber den biblischen Sachverhalt nur besser erfasst.

9) Da die VELKD - Agende die Einladung zum Gang an den Tisch des Herrn nicht bringt, fehlt sie auch im Prontuário. (In der EKU - Agende und in der alten bayrischen Form ist die Einladung vorgesehen).

10) Ebenso, wie die alte Max - Joseph - Agende, ist der Prontuário unsicher im Gebrauch der Salutation. Sie ist z. B. vor dem Benedikamus (Seite 24) meistens unnötig.

11) Bei den Gebeten muss man dem Prontuário zugute halten, dass er für die Hand der Gemeinde gedacht ist. Trotzdem ist nicht einzusehen, warum man — da die Form der Prosphenese und die Form der Ektenie abgedruckt ist — das diakonische Gebet nicht gebracht hat (in jeder grösseren Gemeinde gibt es Leute, die als Lektor fungieren können).

12) Die Form des Laiengottesdienstes (für Brasilien unentbehrlich) steht hier nicht zur Diskussion. Neben der angeführten Form gibt es auch noch andere Möglichkeiten.

Zusammenfassend muss über den Prontuário gesagt werden, dass bis auf Introitus und Salutation kaum schwerwiegende negative Punkte genannt werden können. Da aber gerarde diese beiden Punkte auch Schwierigkeiten bei einer neuen Agende unserer Gesamtkirche bringen werden, möchte ich die beiden Probleme in 2 Exkursen aufzeigen:

Exkurs I: **Der Psalmgesang oder Introitus.**

Der Psalter, das jüdische Gesangbuch, wurde bereits von den Aposteln übernommen; bzw. beibehalten. So begann der christ-

liche Gottesdienst von Anfang an mit dem Gesang eines Psalmes. Wie diese Psalme aber anfänglich gesungen wurden, ist heute nicht mehr mit Bestimmtheit zu sagen. Später finden wir in der katholischen Kirche drei Möglichkeiten, einen Psalm zu singen (möglicherweise sind das auch die ursprünglichen Formen, Psalme zu singen): a) der solistische Psalmgesang (ein Solokantor singt den Psalm / Beispiel: der Messtraktus), b) der responsoriale Psalmgesang (auch hier singt der Solokantor den Psalm und die Gemeinde antwortet an bestimmten Stellen mit einem Kehrvers / Beispiel: das Graduale /hier wird eine Möglichkeit des rätselhaften «Sela» deutlich) und c) der antiphonale Psalmgesang (der Psalm wird von zwei Gruppen im Wechsel gesungen; typisch ist dabei die Umrahmung von Antiphonen — daher der Name. Es gab und gibt für diese Möglichkeit des Psalmgesangs neben dem einfachen Versikelton 9 verschiedene Psalmmelodien — je eine für die 4 «Kirchentonarten», je eine für die 4 «Hypokirchentonarten» und eine unregelmässige Melodie, die wir gewöhnlich auf a mit einem b) notieren). Alle drei Möglichkeiten des Psalmgesanges sollen eigentlich unbegleitet gesungen werden.

Die Reformation übernahm alle drei Möglichkeiten, aber bald blieb nur noch der antiphonale Psalmgesang übrig. Auch dieser schrumpfte mit dem Zerfall der liturgischen Grundordnungen zusammen. In der reformierten Tradition wurde der Psalm bald nur noch gesprochen. Dass das Gloria patri heute dort noch gesungen wird lässt den früheren Psalmgesang erraten. Dafür entwickelten sich in der reformierten Tradition die Umdichtungen von Psalmen in Choräle, die auch von uns dankbar übernommen worden sind. In der lutherischen Reformation war man konservativer: die Psalme wurden weiterhin gesungen, aber man beschränkte sich auf drei bis vier Verse und führte — da man es einfacher empfand — den Wechsel nur noch halbzeilig für eine Gruppe durch.

Was ist heute zu tun? Die Einübung der richtigen alten Formen wäre auf jeden Fall eine Bereicherung der Gemeinden. Ob man wieder den ganzen Psalm singt, mag an der praktischen Möglichkeit scheitern; jeder Gottesdienstbesucher bräuchte dann drei Bücher: Gesangbuch, Liturgiebuch und Psalter. (Weiteres siehe Teil III).

Exkurs II: **Die Salutation.**

Salutation heisst — wir wissen das alle — Begrüssung. Wieweit in der Salutation eine wechselseitige Segnung von Liturg und Gemeinde verborgen ist, müsste erst eindeutig geklärt sein. Auch das würde sich wieder auf die Stellung der Salutation im Gottesdienst auswirken. Von dem allen abgesehen, muss festgestellt werden, dass die Salutation bei uns weitgehend zur liturgischen Floskel geworden ist. Das geschah, weil bei den Umarbeitungen von Liturgieen die Salutation oft desplatziert wurde. Der Salutation ähnlich ist der Kanzelgruss. Der Liturg soll also vom Altar aus die

Gemeinde so begrüssen, wie der Prediger von der Kanzel. Wird z. B. Introitus, Kyrie und Gloria in excelsis von Chor und Gemeinde gesungen, betritt der Liturg gegen Ende des Glorialiedes den Altar und begrüsst dann die Gemeinde. Übernimmt der Liturg selbst Introitus, Kyrie und Gloria in excelsis, fragt man sich, was die Salutation nach dem Glorialied soll. Wie dieses Beispiel zeigt, ist es immer schwer, agendarisch die Salutation festzulegen.

Wir sehen also, wie schwierig, die beiden Stücke sind. Es wird aber kein Schaden sein, wenn hier klare Entscheidungen nach gründlichen Überlegungen gefällt werden.

Abschliessend muss noch einmal von dem Prontuário gesagt-werden: Trotz der aufgezeigten Mängel finden wir in unserer Gesamtkirche kaum ein liturgisches Werk, das so richtungweisend für die Schaffung einer neuen Agende sein kann. Wenn das Buch nicht bekannt ist, dann ist das die Schuld des Nordkreises, weil er mit seinen Pfunden nicht wuchert. Da es jetzt aber bekannt ist, bzw. bekannt wird, darf man wohl damit rechnen, dass es bei der Diskussion um eine einheitliche Gottesdienstordnung in unserer Gesamtkirche in Brasilien nicht übersehen wird. Der Nordkreis muss sich darüber klar sein, dass die Gesamtkirche unseren Prontuário nicht für alle Gemeinden verbindlich machen kann (Selbst wenn er völlig fehlerfrei wäre). Wir können nur bitten, dass der Prontuário so weit Beachtung findet, dass die Mitglieder, die sich finanziell noch nicht gleich wieder so ein Buch leisten können, weiterhin den Prontuário benützen können — auch wenn die neue Liturgie durchgeführt wird.

Exkurs. **Vergleich der Agenden I der VELKD und der EKU.**

Da in dem Beitrag von Herrn Prof. Dr. v. Waldow immer wieder auf die EKU - Agende verwiesen wird, ist für die Lutheraner, die nicht aus der EKU kommen, ein Vergleich zu unserer VELKD-Agende notwendig. Über das Formular A und über die «andere Form des Gottesdienstes» ist hier nicht nötig zu arbeiten. Eine übliche Gegenüberstellung erübrigt sich; ich kann auf die Unterschiede einzeln hinweisen:

1) das Sündenbekenntnis: hier bringt die EKU - Agende (wie der Prontuário!) die alten Sündenbekenntnisse. Darüber hinaus aber noch andere Möglichkeiten: z.B.: die VELKD-Form oder die Form, die wir von der Complet her kennen usw.
2) der Eingangspsalm: er ist in der EKU - Agende kaum zum wechselseitigen Singen vorgesehen (ich halte hier die bayrische Bestimmung aus sachlichen Gründen für die uns zugewachsene Form).
3) der Schlussversikel: er ist bei der EKU - Agende nur bei Gottesdiensten mit Abendmahl vorgesehen. In der VELKD-Agende ist er bei Gottesdiensten ohne Abendmahl als Einleitung zum Allgemeinen Kirchengebet gedacht.

4) das sursum corda ist mit «Erhebet eure Herzen» und nicht mit «die Herzen in die Höhe» übersetzt.
5) das Lied: Christe, du Lamm Gottes: es wird vor der Austeilung nach der EKU - Agende gesungen (ebenso in der (Max-Joseph- Agende). VELK - Agende und Prontuário bringen es zu Beginn der Austeilung.
6) die Einladung: sie wird im Vergleich zur Max-Joseph-Agende mit dem Zusatz: «Schmecket und sehet, wie freundlich der Herr ist» versehen. VELKD - Agende und Prontuário lassen die Einladung ganz weg.
7) das Danklied: als Dublette zum Schlussversikel wird das Danklied: «Gott sei gelobet und gebenedeiet» vorgeschlagen. Die VELKD - Agende empfiehlt das Lied als letztes bei der Austeilung.

Betrachten wir die Unterschiede genau, werden wir feststellen, dass mit Ausnahme des Psalmes kaum von Abweichungen gesprochen werden kann. Wir dürfen also getrost zusammen mit Herrn Prof. Dr. v. Waldow das Formular B der EKU - Agende empfehlen. Zu schwer ist es keinesfalls; es müssten denn die Gemeinden im Süden weniger lernen können, als die Gemeinden bei uns in Espirito Santo.

III) Vorschläge für die neue Agende unserer Gesamtkirche.

Um jedem Missverständnis vorzubeugen, muss hier erst gesagt werden, dass die versuchten Vorschläge nur Diskussionsbeitrag sein sollen.

Man kann bei der Erarbeitung einer verbindlichen Agende für unsere Gesamtkirche keinen besseren Weg gehen, als den, den Herrn Prof. Dr. Eberhard v. Waldow vorgeschlagen hat: das Formular B der EKU - Agende als Grundlage. Sachlich wären dazu folgende Änderungen bzw. Ergänzungen wüschenswert:

1) beim Eingangsspalm: die Psalme mögen so gedruckt werden, dass sie auch gesungen werden können. Dabei wären die nötigen Einschnitte durch besonderen Druck zu zeigen, die beim Wechselgesang nötig sind. 4 doppelgliedrige Psalmen sind am günstigsten. Vielleicht ist es beim Text möglich, die jeweils 4 doppelgliedrigen Psalmen des Prontuário heranzuziehen. Im Melodienteil könnte je nach Platz der Versikelton, der 5., 9., und 8. Ton abgedruckt sein.
2) beim sursum corda: hier ist — ebenso wie bei den Gebeten — zu fragen, ob in Brasilien bei unseren Leuten die modernsten sprachlichen Wendungen immer angebracht sind.
3) Der liturgische Ort der Salutationen ist genau zu überlegen. Oft wird sie nur in Klammern und mit entsprechender Bemerkung gebracht werden können.

4) im Proprium könnten einige Schlussversikel — wenigstens für die Feste — fakultativ dabei sein.

4) Wir werden der Notwendigkeit, Graduallieder für Brasilien zusammenzustellen, nicht ausweichen können. Unbekannte Lieder schaden nichts; sie müssen nur im Gesangbuch stehen.

Neben den sachlichen Vorschlägen gäbe es noch einige praktische:

1) es sollten zwei verschiedene Agenden sein: a) Altarformat für Liturgen und b) Handformat für die Gemeinde (später dann im Gesangbuch. Inhalt: das Ordinarium, vom Proprium nur Introitus und Schlussversikel, die drei Grundformen des Allgemeinen Kirchengebetes.)
2) Für beide Agenden ist druckmässig der Prontuário zu empfehlen: auf der einen Seite in portugiesischer Sprache und auf der anderen Seite in deutscher Sprache — der gleiche Text.

3) Es ist nur **ein** Formular für den Gottesdienst zu empfehlen, bei welchem in der Übergangszeit — nach dem Annahmebeschluss durch das zuständige Gremium — ein Grossteil der Stücke noch fakultativ sind, sodass die Gemeinden, die viel umstellen müssen, genügend Zeit zum Üben haben. Die Grenze der Übergangszeit muss aber dann genau ausgemacht werden.

Da der Bekenntnisstand der Gesamtkirche geklärt ist, dürfte der Widerstand gegen eine ordentliche Agende — soweit sie im Sinne des Bekenntnisstandes ist — in der Trägheit und in dem «undemokratischen» Verhalten von Pfarrern und Gemeinden liegen. Selbstverständlich kann von keiner Gemeinde verlangt werden, dass sie Rückschritte in der Form ihres Gottesdienstes unternimmt — damit Einheitlichkeit erreicht wird — nur, weil andere Gemeinden nicht üben wollen. Wenn eine Gemeinde ordentlich auf die Änderungen vorbereitet wird, ist erfahrungsgemäss, kein Widerstand vorhanden. Im Gegenteil: das gemeinsame Üben und Erarbeiten von liturgischen Stücken kann — wenn es vernünftig durchgeführt wird — jedes Leben in der Gemeinde fördern.

AUSSPRACHE:

1) Replik zu den Ausführungen von Eugen Baltzer

(Siehe dazu oben in diesem Heft)

1: Gerne gestehe ich ein, dass mir bei der Abfassung meines Aufsatzes das Prontuário do Culto für Espírito Santo nicht bekannt war. Wie ich inzwischen feststellen muss, ist dieses kleine Liturgiebuch aber allgemein weithin unbekannt. Deshalb bin ich für die Ausführungen von P. Baltzer sehr dankbar, denn durch ihr Erscheinen in dieser Zeitschrift erfährt endlich ein weiterer Kreis etwas von diesem ausgezeichneten Büchlein. M. E. liegt hier eine Arbeit vor, an der die weiteren liturgischen Bemühungen in unserer Kirche auf keinen Fall vorübergehen dürfen. Besonders empfiehlt sich zur Nachahmung die Zweisprachigkeit, d. h., dass sich portugiesischer und deutscher Text immer gegenüberstehen (vergl. die diesbezügliche Anregung in ET 1961/2, S. 49). Diese Anordnung einer Agende scheint mir die einzige Möglichkeit zu sein, nach Form und Inhalt in unserer Kirche zu einem einheitlichen Gottesdienst zu kommen.

2: Der Beitrag von P. Baltzer nötigt mich nun, die Vorschläge, die ich für eine neue Agende in unserer Kirche gemacht habe, ein wenig zu ändern. Die neue EKU - Agende ist, wie ihre Vorläufer ja auch — zweigleisig aufgebaut. Sie bietet die sogen. «erste Form» des Gottesdienstes mit den Formularen A und B (S. 121 ff) und die «andere Form» (S. 132 f), die der reformierten Gottesdiensttradition folgt. Für diese «andere Form» liegt in unserer Kirche keine Notwendigkeit vor, so dass sie in unserer Agende fehlen kann. Wir benötigen nur die erste Form mit den Formularen A und B. Das Formular B entspricht im Prinzip der Gottesdienstordnung des Prontuário, denn die dort gebotene Ordnung kann im Grunde als eine vereinfachte Form des Formulars B angesehen werden (was dem, der die Geschichte dieser Ordnungen kennt, nicht verwunderlich ist). Würden wir uns in unserer Agende also auf die Formulare A und B beschränken, dann entspräche A im wesentlichen der Praxis, wie sie in den meisten Gemeinden bei uns geübt wird, B aber der Praxis, der Gemeinden, in denen heute die lutherische Tradition, wie sie von Bayern aus in unsere Kirche gekommen ist, weiterlebt. Das Anliegen der neuen Agende müsste allerdings sein, einer generellen Einführung des Formulars B den Weg zu bereiten.

3: Spricht man in unserer Kirche von einer Revision der Agende, hört man immer wieder den Einwand, dass in unseren Gemeinden tiefgreifendere Änderungen in der Gottesdienstform nicht möglich seien. Gewiss ist vielleicht in unseren Gemeinden der so-

Editora
METRÓPOLE